

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO
BRASIL (CPDOC)

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

CARVALHO, Camilo Lelis de. Camilo Lelis de Carvalho (Truqueiro) (depoimento, 2014). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (1h 54min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre MUSEU DO FUTEBOL e FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DE SÃO PAULO (FAPESP). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

Camilo Lelis de Carvalho (Truqueiro)
(depoimento, 2014)

Rio de Janeiro

2019

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: História de vida

Entrevistador(es): Aira Fernandes Bonfim; Bruna Gottardo; José Paulo Florenzano; Raphael Piva Favalli Favero;

Levantamento de dados: Raphael Piva Favalli Favero;

Pesquisa e elaboração do roteiro: Raphael Piva Favalli Favero;

Técnico de gravação: Carolina Soares Pires;

Local: São Paulo - SP - Brasil;

Data: 18/12/2014 a 18/12/2014

Duração: 1h 54min

Arquivo digital - áudio: 2; Arquivo digital - vídeo: 2; MiniDV: 2;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Territórios do Torcer - uma análise quantitativa e qualitativa das associações de torcedores de futebol na cidade de São Paulo” desenvolvido pelo CPDOC em convênio com o Museu do Futebol e financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), entre março de 2014 e fevereiro de 2015. O projeto visa, a partir dos depoimentos cedidos, a publicação de um livro e a edição de um filme documentário sobre o tema.

Temas: Atividade profissional; Esportes; Família; Infância; Liderança política; Protesto político; São Paulo; Sociedade civil; Sociedade Esportiva Palmeiras ; Sucessão presidencial; Torcidas de futebol; Viagens e visitas; Violência;

Sumário

Entrevista 18.12.2014 Apresentações iniciais; origens no bairro Campo Limpo, São Paulo; a relação da família com o futebol; as idas aos jogos do Palmeira da infância; o primeiro contato com a torcida Acadêmicos da Savóia; a experiência na sede da Savóia; histórico da Savóia e o movimento “Sinal da Cruz”; o diferencial da Savóia em relação às outras torcidas organizadas do Palmeiras; a relação da Savóia com os seus membros; o diferencial da Savóia na arquibancada; a relação da Savóia com as outras torcidas do Palmeiras; o perfil dos torcedores da Savóia; a sua trajetória na torcida até chegar à presidência; a relação de “amizade” com as outras torcidas; as responsabilidades como presidente da torcida; a relação com a diretoria do Palmeiras; a torcida e o emprego; a primeira caravana com a torcida; a relação com o futebol na infância; o processo de associação à Savóia; o crescimento da Savóia de 2005 a 2007; perspectivas para um futuro bloco carnavalesco; a articulação para novos associados na torcida; o trajeto da torcida até o estádio; a rivalidade entre as torcidas; a opinião da Savóia sobre violência; a questão da proibição dos materiais da torcida; as experiências com emboscadas em caravanas; o diálogo entre torcidas; a forma de organização interna da Savóia; os efeitos do plano de sócio torcedor e o público dos estádios atualmente; os protestos da Savóia; opiniões sobre o conselho deliberativo; a relação da Savóia com os jogadores do Palmeiras; o impacto do rendimento em campo na torcida do Palmeiras; a opinião da sociedade sobre torcidas organizadas; o ideal de relação entre torcidas e instituições ligadas ao futebol.

Entrevista: 18/12/2014

R. F. – Hoje estamos aqui com o Camilo, o “Truqueiro”, ex-presidente da torcida Acadêmicos da Savóia. Fazem a entrevista os pesquisadores: Bruna Gottardo, Aira Bonfim, José Paulo Florenzano e Raphael Piva. Bom, obrigado, Camilo, pela presença, obrigado por topar participar do projeto. Eu queria que você começasse falando, por favor, seu nome, a data e local de nascimento, e contasse um pouco sobre sua infância, seus pais, o lugar onde você cresceu.

C. C. – Bom, bom dia, primeiramente. Meu nome é Camilo Carvalho, eu nasci no dia 26/11/88, atualmente tenho 26 anos. Sou morador da zona sul, bairro do Campo Limpo, naquela região. A minha infância é voltada para o futebol. Nunca, na minha família, eu nunca cresci em uma família de futebol. Eu tenho um primo ou outro que torce para um time, mas minha mãe, meu pai, meus tios, nunca teve uma paixão fanática assim por futebol. Aí, com 16 anos, um colega meu da escola já estava tendo a simpatia pelo Palmeiras, e ele ia para jogo, e eu sempre tive a vontade de ir para jogo. E ai ele que me levou. Eu ainda trabalhava, o meu primeiro emprego foi como auxiliar, em um escritório de arquitetura. Praticamente era um *office boy*, mas fazia praticamente de tudo. E aí, era na época do salário mínimo, era R\$ 260,00. Como eu era menor, eu recebia esse valor. E eu lembro de, no começo, assim, primeiro jogo que eu fui eu sabia que era aquilo ali eu ia continuar para sempre. E aí eu ganhei um *ticket*, que eram aqueles *tickets* de papel, que era R\$ 5,00. Eu levava marmita, com o dinheiro que sobrava desses *tickets*, era o que garantia para eu comprar o ingresso para ir para o estádio. Tinha até vez que tinha gente que estava comendo no bar, ali no Parque Antártica, e eu ficava de olho, assim, a pessoa até pensava que eu ia pedir dinheiro, comida, alguma coisa. Eu falava assim: - “Você vai pagar em dinheiro?”. O cara falou: - “Vou”. Falei: - “Olha, pega aqui o *tickets* de papel”, e assim o cara me dava o dinheiro, conseguia comprar o ingresso. Era meia. O ingresso, acho que era R\$ 7,50. E assim que eu conseguia entrar para ver os jogos do Palmeiras. Isso também até, a gente estava conversando antes, fora o rateio. Tinha vezes que faltava R\$ 1,00, R\$ 2,00, estava passando um palmeirense, eu falei: - “Tem como dar R\$ 1,00, dar R\$ 0,50, só para eu entrar para o jogo? E aí começou essa... Até hoje seguir o Palmeiras onde que está.

A. B. – Você lembra desses primeiros jogos, ou de alguma ocasião, antes mesmo de você estar envolvido com torcida? No parque Antártica...?

C. C. – Eu me lembro que eu via... Esse meu colega não era de torcida organizada. A gente ficava bem no meio do campo ali, onde não tinha nenhuma torcida. Só que aí eu olhava, faixa, bandeira, bateria. Nego pulando, bexiga... Falava: - “Putá, quero estar lá no meio!”. Só que eu sentia falta de alguém, não sabia como é que era, 16 anos, não sabia nem o que era a vida ainda. Eu sentia falta de alguém de dentro, que vivia a torcida, de me convidar. Não sabia... “Será que eu posso chegar? Não conheço ninguém”. E aí, tal... Nem tinha a noção, a dimensão, do que era uma torcida organizada. E aí, onde eu trabalhava, tinha um cara que ele ia um jogo ou outro na Savóia, e um dia ele me falou. E aí eu falei: - “Meu, você vai, fica na Savóia, eu vou junto com você”. Só que a primeira vez que eu fui em torcida organizada, foi em um jogo, Palmeiras e Vasco, no Rio de Janeiro, com 16 anos. Minha mãe, não sabia o que eu ia falar para a minha mãe, falei que fui para uma festa. E aí embarquei no ônibus. Fui no dia oito de outubro de 2005. Primeiro jogo que eu fui com a Savóia, uma caravana para o Rio de Janeiro, e tal. Liguei para a minha mãe do Rio de Janeiro, falei: - “Olha, está tudo bem aqui na festa”. Fui para o jogo, voltei. E aquela febre no jogo, no ônibus, todo mundo. O pessoal me acolheu. Eu falei: - “Meu, é essa torcida mesmo que eu quero”. E aí estou até hoje, nesses 10 anos aí.

A. B. – Se você pudesse contar essa entrada, como que se deu de fato, assim, como que é pedir para entrar em uma torcida, esses detalhes...?

C. C. – Então, na Savóia, não é porque é a minha torcida, mas tem um diferencial enorme, que qualquer lugar que eu vou, que falar de Savóia, a primeira coisa que eu sempre cito é o olhar da torcida no associado, mas não te ver como um associado, e sim como uma pessoa. Eu lembro que, nesse primeiro jogo, que foi para o Rio de Janeiro, aí o pessoal veio, me acolheu. Meu apelido surgiu nesse, porque eu levei um baralho, e aí, jogando truço no ônibus, os caras: - “É o truqueiro, truqueiro, truqueiro!”, aí já pegou truqueiro, logo de cara. Aí, no segundo jogo, foi o jogo em uma caravana para o Paraná. Eu lembro disso, era o Heitor, o presidente, e eu peguei o celular dele, todo motivado, e falei: - “Eu quero ir para o Paraná também”, e tal. Já estava fazendo a cabeça, eu com 16 anos ainda. Aí eu falei para ele: - “Pô, mas quanto que é?”. – “Cinquenta reais, mais o ingresso”, falei: - “Putá, Heitor, não vou ter essa grana”. Ele falou: - “Velho...”, no Paraná, como não tinha muito Palmeirense, ele virou para mim, acho que era a segunda vez que o cara tinha me visto – ele falou: - “Olha, estou vendo que você está

empolgado, está com disposição, tal. Toma 20 adesivos, vende esses 20 adesivos, e garante o seu ingresso”. Só que aí, depois desse dia, fui todos os jogos. Eu botava as caras, tinha esse contato com a torcida. O pessoal começou a me ligar, falou: - “Vai, ter um churrasco hoje aqui em casa, quer vir?”. E aí eu pensava: -”Putz, o presidente da torcida, os caras da diretoria está me chamando para ir para na casa deles!”. Só que aí eu pensei: - “Será que é comigo só?”. Fui começar a ver, era com a família toda, praticamente. Cada sócio era tratado dessa forma, entendeu? Eu mesmo freqüento a casa de um monte de gente da torcida.

A. B. – E era um adesivo do Palmeiras? Conta um pouquinho dessas funções que a gente tem quando entra na torcida, como isso evoluiu?

C. C. – Não, dessa parte, não só eu, tipo assim, se você... A diretoria olhava para uma pessoa e falava: - “Meu, esse cara quer ir para jogo, ele está com a disposição, ele está na pegada”. Era não só essa venda, era rateio... “Oh, será que tem como dar R\$ 1,00 para o moleque ali para o jogo? Tem como dar R\$ 5,00?”. A gente se virava. Mas sempre quando alguém tinha disposição para ir, o cara estava dando as caras, fazendo “corre” pela torcida... Igual tinha vez que cinco horas da manhã eu estava na sede pintando faixa. Quando era clássico, a gente estava picotando jornal, fazendo um monte de coisas, lavando faixa, lavando a sede, pintando. Era essa disposição que eu acho que é o diferencial da Savóia. Porque eu não conheço as demais torcidas em si, a fundo, mas pelo que eu vejo, que nesse mundo de torcida eu sou até um cara que busco bastante saber a ideologia, o pensamento de cada torcida, eu vejo que é o nosso diferencial, entendeu? Você é valorizado pela disposição que você tem, e o retorno que tem é grande. Na nossa torcida.

A. B. – Conta dessa experiência da sede, que já teve, não tem mais. Mas antigamente, assim.

C. C. – A Savóia, nesses 10 anos, acho que a gente chegou a ter cinco ou seis sedes. E todas as sedes foi praticamente a mesma coisa. Fazia um mutirão. O prédio é esse, só que a gente chegava, a sede estava toda detonada. Aí lixava parede, pintava, lavava, fazia os desenhos. Tinha vezes que eu estava em casa, com meus problemas familiares, e não tinha um refugio para eu ir. E aí entrava no MSN, no celular, no começo; - “E aí, você vai fazer o que hoje, meu? Vamos para a sede?”. - “Vamos”. Eu, no começo, pensava assim: - “Putá, acho que só eu que

penso, vejo a sede como a válvula de escape para os meus problemas”. Só que aí, quando eu começava a trocar ideia com meus colegas, “Putá, não é só eu que vejo a Savóia, a sede aqui, em um sábado como a válvula de escape dos meus problemas”. Todo mundo que estava ali, praticamente, tinha... Não todos, tinha uns que iam só para se divertir, mas como eu, tinha gente também que estava querendo esquecer dos problemas lá. Tanto é que, depois, agora que eu tenho essa visão de torcedor organizado, eu costumo dizer que muitas vezes eu coloco a Savóia na frente do próprio time. Mas no sentido que o time, vamos supor, ele vai jogar quarta e domingo, só que a Savóia, a vivência, é de segunda a segunda. Porque a gente tem que estar na sede, às vezes o pessoal vai se reunir, vamos para a sede. Diversas vezes não tinha ninguém, queria conversar com alguém e tal, no MSN: - “Vamos para a sede?”. - “Vamos”. E era para lá que a gente ia. Isso foi muito gostoso, toda essa parte de sede.

A. B. – E onde eram as sedes? Hoje ainda tem uma sede?

C. C. – A primeira sede foi... A Savóia surgiu em outubro de 2005, em dezembro de 2005 a gente teve a primeira sede. Tanto é que eu tinha alguns colegas de algumas outras torcidas na escola, Savóia bem no comecinho, eles queriam me zoar, eu falava: - “Desculpa, mas me diz, a torcida de vocês foi fundada, quanto tempo depois que vocês conseguiram ter uma sede?”. E hoje eu não conheço nenhuma torcida que em três meses de fundação conseguia ter uma sede. E a nossa sede era de frente para o portão do Palmeiras. No portão principal do Palmeiras, depois de três meses. Teve essa, que foi a primeira, que foi até 2006, depois... Até 2007. Em 2007 foi ter ali na rua Caraíbas. Hoje é um restaurante em cima. Depois nós foi (sic) para a Caio Graco, ali na Lapa. Isso foi metade de 2007 até o final. Em 2008 voltamos para Turiassu, bem no começo, e 2010 a gente foi para a rua “[Inaudível 10:50]. Soares”. É a sede que mais prolongou-se, foi até meados de 2012. E aí hoje a gente tem uma no Parque São Domingos, em Pirituba.

B. G. – E você participou da fundação?

C. C. – Não.

B. G. – Não?

C. C. – A Savóia foi fundada em 2004, e aí praticamente um ano depois eu entrei. Mas nós completamos, agora, em outubro, 10 anos, e eu completei nove anos de Savóia.

A. B. – E você consegue trazer um pouco de por quê que ela foi fundada, esse fundadores vieram de outras torcidas que já existiam?

C. C. – Então, no começo, existia um grupo de palmeirenses que se reuniam ali na “curvinha”, com uma bandeira totalmente quadriculada, mas era só isso. Aí o Palmeiras caiu em 2002, e aí teve o movimento “Sinal da Cruz”, em todo campeonato da série “B”. Era um grupo de palmeirenses, alguns de outras torcidas, mas fundaram esse movimento “Sinal da Cruz”. Só entrava com faixa. E aí, no centenário, no aniversário do Palmeiras, tinha uma banda, uma marchinha que eles até contrataram. E aí, quando o Palmeiras subiu, aí veio essa ideia. Porque a pessoa que criou esse movimento “Sinal da Cruz”, essa pessoa só teve esse pensamento: “Vou criar esse movimento para a série ‘B’, e só isso. Ele deixou isso bem claro desde o começo. Só que aí subiu, e aí toda a... Acho que era um grupo de 20, 30 palmeirenses, que acompanharam essa “Sinal da Cruz”, eles não quiseram terminar. “Não, você quer terminar com a “Sinal da Cruz”, quer imortalizar? Não, beleza. Mas a gente quer fundar uma torcida”. E aí aonde veio a Savóia. Inicialmente o nome seria “Vigaristas da Savóia”, por causa do Dick Vigarista. Só que aí o Ministério Público proibiu, por causa do nome de vigarista. E aí pensando no nome: - “Mas qual o nome? Tem que ter o Savóia. Ia ser vigaristas da Savóia”. Savóia tem que ter, mas e aí? Que nome a gente vai tirar do Vigaristas? E aí pensou-se. E aí houve uma torcida chamada “Acadêmica”, isso na década de 70, que um dos fundadores da Savóia participou dessa torcida. E também por causa que, como o Palmeiras era chamado de “Academia de Futebol”, aí foi dado esse mesmo, de “Acadêmico da Savóia”. Isso em homenagem à “Acadêmica”, e em homenagem ao nome do Palmeiras, de “Academia de Futebol”.

J. F. – Esse movimento “Sinal da Cruz”, foi durante a campanha então da série “B” de 2003?

C. C. – Isso.

J. F. – Então esse grupo, ele entrou para a Savóia, ou quem que organizou o “Sinal da Cruz” ficou à parte?

C. C. – Não, na verdade, todas as pessoas da “Sinal da Cruz” entraram na Savóia. A única diferença foi que eles quiseram imortalizar o movimento “Sinal da Cruz”. Porque, desde o começo, até nas reuniões do batalhão de choque... Eu não me lembro quem... Essa época, eu não acompanhei a fundo, eu não lembro quem era o major responsável no choque, mas ele sempre cobrava: - “Olha, vocês estão falando que quando subir, vocês vão acabar com a “Sinal”, tal, tal e tal”. E aí tanto é que, quando acabou, esse major, um dia, falou: - “Então, acabou a ‘Sinal’, não é?”. – “Beleza, acabou”. Só que, no ano seguinte, todas essas pessoas da Sinal”, até para imortalizar o nome “Sinal da Cruz”, encerrou a “Sinal” e criou-se a Savóia. Só que hoje, vários jogos comemorativos, “Copinha”, quando o Palmeiras joga, a gente sempre leva a faixa “Sinal da Cruz”, porque imortalizou. Todos os palmeirenses, não só de torcida organizada, mas palmeirenses, quando vê a Savóia, vê aquela pessoa que era da “Sinal”, pergunta: - “E a ‘Sinal’, não vai voltar, a faixa”, não sei o quê. A “Sinal” ainda é muito lembrada. Todas essas... Quando tem esses jogos importantes, com as bandeiras das Taças, do ídolos, é a “Sinal da Cruz”. Aquilo ali é “Sinal da Cruz”.

J. F. – E o idealizador, quem que é?

C. C. – É o José Luiz.

J. F. – Que hoje é da Savóia?

C. C. – É da Savóia.

J. F. – E qual que é a razão do nome “Sinal da Cruz”? Certamente deve ter alguma...

C. C. – “Sinal da...” A Cruz é a Cruz de Savóia. O “Sinal”, para te dizer, pra ser sincero, eu não sei da onde que veio o nome “Sinal da Cruz”. A “Cruz” é referência à cruz de Savóia, agora “Sinal”, não saberia informar.

A. B. – Mas o José Luiz já pertenceu à “Mancha Verde”¹, não é?

C. C. – Foi. O Zé Luiz, ele é um palmeirense, ele frequenta a torcida organizada desde 1970. Eu acho que todas as torcidas que já houve no Palmeiras, ele já deve ter frequentado.

B. G. – Mas ele foi fundador da Savóia?

C. C. – Foi um dos fundadores.

B. G. – E qual que é, na sua visão, o diferencial da Savóia em relação às outras torcidas organizadas do Palmeiras?

C. C. – É não ter esse pensamento de “Eu sou da diretoria e você é um associado”. Tipo, parece que soa muito, assim, criar uma “panela”. Não uma “panela” de uma forma negativa, mas pode acontecer alguma coisa que a gente não expõe para a torcida em si, para os associados. Na Savóia não, a gente expõe, a sede está aberta, a diretoria é aberta. Se você tem uma dúvida, quer saber de alguma coisa... Eventos, como eu até falei. Diversas vezes a gente posta, a gente comenta um com o outro: - “Meu, vai ter um churrasco”. Vamos na casa do outro se reunir, jogar um vídeo game, jogar um baralho, jogar um dominó, tomar uma cerveja. A gente sempre tem... É um grupo unido. Não é meio que afastado, entendeu? Não é aquela divisão de zona sul - zona norte. Existe o grupo da zona sul, da zona norte, mas a gente sempre é... Criou-se esse vínculo. De um até ir no casamento do outro. Teve uma vez, um casamento, um associado que falou: - “Meu, vou ter que fazer duas festas. Uma para os meus convidados e da noiva, e uma para a Savóia”. E chamou a torcida inteira, praticamente. E o que eu vejo também, entrando nessa parte social, porque quando – eu até falei aqui, no começo – quando eu entrei em torcida organizada, eu não tinha a dimensão da coisa... Eu não tinha noção da dimensão do que poderia ser uma torcida organizada. A Savóia tem 10 anos, para mim, eu considero até que é pouco para uma torcida organizada. Você tem torcidas aí hoje de 40 anos, de 30 anos. Se você for pegar, analisar todas as torcidas, a gente está no começo ainda, só que diversas vezes eu vi alguém chegar na sede e falar: - “Putá, Truqueiro, estou querendo ir para jogo, mas minha mãe

¹ Grêmio Recreativo e Cultural Torcida Mancha Alviverde (ou apenas Mancha Alviverde) ainda conhecido por Mancha Verde. É a maior [torcida organizada](#) da [Sociedade Esportiva Palmeiras](#).

não deixa”. – “Não, traz sua mãe aqui”. E aí a mãe vem, a mãe, o pai, família vem. Quando conhece... – “Meu, eu tinha totalmente um visão de torcida organizada, e vocês estão me mostrando que é outra”, tal. Aí chegou um ponto do pai e da mãe um dia ligar para mim e falar: - “Meu, meu filho está acontecendo isso, isso”, e eu puxava a pessoa, dava, na época eu era o presidente, dava o conselho. Quando tinha que dar “puxão de orelha”, dava “puxão de orelha”, e aí eu parei e pensei: - “Putz, parece que eu estou fazendo uma coisa de um psicólogo, de um assistente social, alguma coisa assim”. Teve uma vez que teve um rapaz, que ele estava desempregado, e ele estava precisando de um emprego. E tem um rapaz na nossa torcida, que o pai dele é empresário. Ele tem um escritório que ele vende ímãs. Um belo dia, eu ligar e falar: - “Rafa, seu pai não está precisando de alguém, um auxiliar de expedição, alguma coisa?”. Ele falou: - “Putá, ele está precisando de estoquista”. Falei: - “Meu, contrata o Rodrigo”. E aí eu comecei a ver, tipo, falei: - “Nossa, a gente com...”, é pequeno a Savóia, como eu falei, mas está fazendo, de certa forma, um trabalho social assim. Abriu a minha cabeça assim. Falei: - “Meu, eu não sabia que a gente tem essa ferramenta em mãos”. Fora também os projetos sociais que a gente sempre teve, visita a orfanatos, asilos também, arrecadação de alimentos, campanha do agasalho.

B. G. – E na arquibancada? Qual que é o diferencial de vocês?

C. C. – O que me chamou na Savóia era a festa. Tinha vez que eu olhava, assim, tinha 50 caras. Você olhava para as outras torcidas que tem 100, 200, 300, 500 pessoas... Tinha aqueles 50 caras. Mas eu acho que era fazer o *break*... Tinha vezes que a bateria abaixava, todo mundo abaixava e a bateria diminuía um pouco, todo mundo cantava baixinho. E aí dava aquela explosão com bexiga, com umas bandeirinhas pequenas, com cabo, que até hoje a gente leva, e aquilo começou a chamar a atenção. Porque aí puxava todos os outros torcedores que estavam em volta, não sendo integrantes da torcida, mas eles iam junto. Tanto é que hoje outros membros de outras torcidas falam: - “Meu, o que eu sempre vi na Savóia, no quesito de arquibancada, é essa parte, de ter essa explosão”. E também de inovar com diversos materiais, isopor... Teve um jogo que a gente fez 100 cruzeiros de Savóia de isopor, e aí quando virava, era o símbolo do Palmeiras. Esse quesito de festa é uma coisa que também a Savóia sempre valorizou em arquibancada.

B. G. – E como que foi a... Teve alguma negociação com as outras torcidas? Vocês tem uma boa relação com a “Mancha”, com a “TUP”²?

C. C. – Sim, temos. Começou lá com um problema entre as torcidas. Na nossa festa mesmo, as torcidas formam. A gente fez o convite, elas foram. Às vezes, quando a gente viaja, existe de ficar junto, de conversar com a própria polícia do outro estado. Vai todas as torcidas. A gente combina: - “Olha, estamos chegando na estrada, beleza?”. - “Não, beleza”. Aí um já informa para o policiamento que vai escoltar. - “Olha, está vindo mais uma outra torcida, vamos esperar”. A gente tem um bom relacionamento.

A. B. – Qual a quantidade de associados que a Savóia tem hoje, e qual é o perfil? É o perfil de um jovem que veio já de outra torcida, escolheu a Savóia, ou que está começando e já também escolhe a Savóia por algum motivo?

C. C. – De carteirinha, acho que são cerca de quatro mil, algum coisa assim. O perfil... Existem sim pessoas que foram de outras organizadas, mas a grande maioria não. A grande maioria era como eu, que estava ali, sempre ia para jogo, mas queria ter um vínculo, queria entrar em uma torcida organizada, e alguma coisa tocou e entrou na Savóia. Esse é o perfil. Eu até acho que, no quesito social, existe uma parte que é de classe média, mas também existe uma parte que é da periferia, como eu.

A. B. – E homens e mulheres?

C. C. – Bem mais homens.

R. F. – Mas comparado às outras torcidas organizadas, a Savóia tem uma presença feminina forte.

C. C. – É. Houve até um tempo, a chamada ala feminina, que... Todas as torcidas tem mulheres.

² Torcida Uniformizada do Palmeiras

R. F. – Sim.

C. C. – Savóia não foi diferente. E essas meninas também foram chamando mais meninas, mas como, acho que, no futebol – não querendo ser machista, fazer um comentário machista – mas o que determina é a presença masculina. Isso em torcida organizada não ia deixar de prevalecer.

R. F. – Sim, sim.

B. G. – Bom, então contando mais da torcida em si, como que foi sua trajetória então, até você conseguir chegar a presidente? Pode contar, assim?

C. C. – Tem que resgatar da memória. No ano de 2005, quando foi em outubro, eu cheguei a ir em três ou quatro viagens, isso para fora. E aí acabou o campeonato... Isso eu me lembro que, no último jogo em 2005, acho que foi Palmeiras e Fluminense, e naquela época ainda estava começando a ter essa coisa de MSN, internet e tal, mas tinha o fórum. Tinha o site da Savóia e tinha o fórum, eu praticamente não tinha Orkut, não tinha MSN, eu só ficava no fórum, e aí criou-se a ideia: “Vamos reunir um pessoal da Savóia. Você mora aonde?”. Zona sul, zona sul, zona norte, zona sul. E no dia cinco de dezembro de 2005, nós saímos em nove pessoas, da zona sul. Não posso falar o lugar exato, assim, porque, até hoje, a gente meio que se reúne nesse lugar. Mas nós saímos, isso no último jogo do Brasil, em 2005. No primeiro jogo do Paulista de 2006, nesse mesmo lugar, e aí essas nove pessoas, mas aí criou-se... Todo mundo na Savóia começou a divulgar, e a gente começou a puxar palmeirense, e tal. No primeiro jogo do Paulista de 2006, a gente saiu em 70 caras. E aí teve a Libertadores, todos os jogos da Libertadores, foi até quando teve a briga com o Cerro Porteño, foi até com os jogadores no campo, tudo. Teve esse jogo, a gente chegou a sair em 100 caras. E aí todo mundo começou a olhar, pensava: “O Truqueiro, o Truqueiro”. O cara da zona sul, e aí eu comecei a levar todo mundo, levar para caravana. Passou 2006... O problema é que o Palmeiras não ajudava muito. Mas a Savóia sempre teve o diferencial dela também no quesito voltado a... Não vou falar protestar, mas reivindicar. Às vezes a pessoa pensa: “Ah, como o clube é uma coisa privada, a gente torcedor, não tem direito”. Só que eu acho que o maior patrimônio de um clube não é um estádio, uma sala de troféu, é a torcida. Em 2006, eu só não lembro se foi graças ao Goiás ou à Ponte Preta, mas esse time caiu, e o Palmeiras não. Isso no final de 2006. Em meados de 2006,

a gente já vendo a fase do time, o jogo Palmeiras e São Caetano, o Palmeiras ganhou do São Caetano, a gente foi até a saída da Matarazzo protestar. Eu lembro... Eu nunca fui muito focado nesse negócio de internet, mas nesses blogs que tem de torcedores, a gente foi criticado. A Savóia, o Palmeiras ganha e está criticando. Por quê? Só que a gente tinha essa visão. A gente ganhou um jogo, mas lá no final de 2006, vamos ver o que vai acontecer. E até nesse jogo, foi a primeira vez que surgiu a primeira sub-sede da Savóia. Foi a sub-sede de São José dos Campos. Eles vieram, participaram do protesto, e, não vou dizer que foi uma coisa gratificante, porque o Palmeiras quase foi rebaixado, mas falar assim, a gente não foi iludido com uma vitória. Mesmo ganhando, a gente estava pensando no Palmeiras. Estava vendo a situação do time, estava cobrando melhorias, tanto é que, em 2006, quase caiu. E aí, em 2006, foi a primeira sub-sede da Savóia, foi São José dos Campos. E, sem contar toda essa minha trajetória, todo jogo, praticamente, fora, que o Palmeiras ia, eu estava. Tinha vez que não tinha dinheiro, fazia aquele rateio, e dava um jeito de ir. Aí 2007 foi um ano que trocou a diretoria, e aí me convidaram para ser o terceiro vice-presidente. Eu tinha, na época, 18 anos, eu acho. O primeiro contato que eu tive com a diretoria de torcida organizada foi em 2007, como terceiro vice-presidente. 2008 foi um ano que eu me afastei um pouco, devido alguns problemas pessoais que eu tive, aí em 2009 eu voltei. E aí de 2009 até lá, foi a mesma pegada. Viajei para o Uruguai, viajei já para fora do país. Praticamente todos os lugares do Brasil eu conheço. Lembrando até, voltando no passado, em 2005 a gente teve contato com a nossa primeira amizade... Tem uma frase, que uma vez eu ouvi, não lembro quem foi que disse, mas foi no mundo nas torcidas organizadas, que “Nós temos amigos e os amigos são eternos. Os aliados podem mudar de lado, dependendo da batalha”. Torcida organizada tem muito disso. Uma torcida de São Paulo tem uma aliada no Rio, em Minas Gerais, eles sempre usam esse termo de aliado. A gente nunca usou esse termo de aliado, sempre usou o termo de amigos. Com a torcida “Mancha Verde Juventude”, lá de Caxias do Sul. Em 2005, o Palmeiras jogou lá. Foi um jogo que fez, acho que 2 graus, frio na Serra Gaúcha, e a gente sempre teve... A gente, “macaco velho” já, quando chove, você tem que tomar chuva de bermuda, porque a roupa seca, você deixa guardada no ônibus, para você voltar seco. E aí os gaúchos começou (sic) a ver: - “Meu, o que esses palmeirenses estão fazendo? Tomando chuva de bermuda, de regata, tal”. Aí puxaram a gente para a sede deles, conversamos, fizemos contato. E vigora até hoje. A nossa maior amiga que tem é essa torcida do Juventude. Tanto é que existe casamento deles, festa deles, eles chamam a gente. A mesma coisa que tem esse vínculo da Savóia com os associados, com as outras

torcidas amigas assim, também tem esse vínculo. E aí em 2010, aí que eu assumi a presidência da Savóia. Fui de 2010 até a Copa do Brasil de 2012, quando ele foi campeão.

A. B. – Quais são as responsabilidades, como vice-presidente, depois como presidente?

C. C. – Vou falar para você que todas essas caminhadas de jogos, praticamente você não tem vida. Às vezes num mês você viaja, você foi para oito lugares. Contando quarta-domingo, quarta-domingo, quarta-domingo, você vai em um jogo em São Paulo, quando o Palmeiras é mandante, mas aí joga quarta e domingo no Rio de Janeiro e em Minas Gerais, e aí essa sequência. Ter uma vida social é difícil. Família é difícil também. Isso, praticamente eu falando como um simples associado. Sendo presidente, piora mais ainda. Porque é uma reunião no batalhão de choque, eu tenho que ir. Uma reunião no Ministério Público, promotor, eu tenho que ir. Um evento qualquer, uma entrevista que se é dada. A gente tem que ir. Pior ainda. Se, pelo menos, eu sempre pensava assim, Palmeiras joga na quarta, falava: “Putá, eu tenho quinta e sexta de folga”. Não. Porque no domingo era um clássico, aí acabou o jogo da quarta, eu ia dormir, levantava na quinta-feira e pensava: “Tem um clássico na quarta”. E aí quinta, sexta, sábado... Praticamente não dormia com preocupação, correndo atrás de ônibus, de ingresso. Aí está vindo a sub-sede com ônibus, tem que arranjar ingresso para eles. A prioridade tem que ser dada para uma sub-sede. Porque teve uma vez que eu fui para Natal... Desculpa, Ceará. E a gente tem um movimento no Ceará. E para mim, eu vejo o Palmeiras toda semana. E quando a gente vê aquele pessoal levando a camisa da Savóia no Ceará, eles iam com uma empolgação. E tipo, o Palmeiras jogava, dependendo dos times que estavam lá na primeira divisão, jogava uma vez lá. Se o Ceará, o Fortaleza, ficar três anos sem jogar lá, eles não vão ver o Palmeiras durante três anos. Quando o Palmeiras jogava, era praticamente a comemoração de um título. E aí eu falava: - “Meu, quando esses caras vierem para São Paulo, tem que ser dada a prioridade. Porque a gente acompanha o Palmeiras sempre. Esse pessoal, quando o Palmeiras, eles tem a chance de ver o Palmeiras, é a chance da vida deles, praticamente. É a comemoração de um título”. E, o que mais dessas responsabilidades? Você deixar sua família. Família, até amigos. Às vezes dava uma folguinha, você conseguia ter uma válvula de escape. Pelo menos dessa parte, como eu falei, o diferencial, é que, sei lá, meus amigos de escola eu perdi o contato, mas eu tenho o pessoal aqui da Savóia. – “Pô, vamos dar um role hoje? Não vamos falar de futebol não. Vamos tomar uma cerveja, jogar um truco, jogar conversa fora, falar de outras coisas”.

Porque, uma coisa que eu sempre deixava claro para todo mundo também, eu falei: - “Meu, vocês tem que conversar, mas não só de futebol, entendeu?”. Cria um vínculo, porque o que acontece: meus amigos de escola, eu tenho contato com uns ou outros. Dos meus amigos do trabalho, do meu antigo trabalho, contato com um ou outro. Porque um teve família, outro resolveu estudar, outro se mudou, só que eu acho que pelo menos palmeirense, ninguém aqui vai... A gente pode, sei lá, um dia alguém vai deixar de ser Savóia, mas ninguém vai deixar de ser Palmeiras. Esse vai ser o vínculo eterno que a gente vai ter. Os seus amigos que você teve de outros momentos da sua vida, eles podem passar, porque você não vai ter o contato sempre, mas o Palmeiras eu acho que é o que vai unir a gente para sempre. Eu falo, se um dia eu sair da Savóia, eu não vou entrar mais em outra torcida. Torcida organizada, para mim, é igual time, eu só tenho um. Só tenho a Savóia, igual eu só tenho o Palmeiras. Mas se um dia eu sair da Savóia por algum motivo, beleza, mas eu sempre vou ter aquele pessoal que sempre foi meu amigo, sempre esteve comigo lado a lado. Sempre vou ter contato, sempre vou conversar, sempre vou na casa deles. A gente sempre vai ter esse vínculo. Para sempre.

J. F. – Nesse período todo que você está descrevendo, a relação com a diretoria do Palmeiras foi de dependência? Vocês não recebem nenhum tipo de ajuda nessas viagens ao exterior, ao nordeste?

C. C. – Teve altos e baixos. Teve vezes de a gente querer fazer uma reunião com o presidente, em um mandato, e ele não querer dar ouvido para nós. Outras vezes sim. Entramos no C.T³., conversamos, fizemos cobranças. Nesse quesito de viagens e ingresso, às vezes a gente pegava uma carga de ingressos, só que é aquilo: para o nosso associado não ter que pegar uma fila, pegava uma parcela, sei lá, de 20 ingressos inteiros. No final do jogo, a gente ia e pagava esses ingressos. Isso aconteceu sim, mas por pouco tempo. Pelo menos a gente da Savóia, como eu falei, a gente sempre teve essa pegada de fazer cobrança, de protesto. Acho que a diretoria do Palmeiras nunca teve bons olhos para a gente.

J. F. – E você conseguia conciliar, durante a presidência, a tua atividade profissional, conciliar a torcida com o emprego?

³ Centro de Treinamento

C. C. – Não. Não, porque nessa fase de sede, eu morei acho que três ou quatro anos na sede. Ali eu era o presidente, e, ao mesmo tempo, morador, caseiro, tudo.

J. F. – Você saiu do emprego?

C. C. – Sai. Eu trabalhava de *telemarketing*, aí chegou um tempo que eu decidi pedir as contas, isso foi em 2009. Aí, 2010... Fiquei um ano, praticamente, morando na sede. Vivendo de seguro-desemprego, e aí, depois, em 2010, foi onde eu assumi a presidência, e continuei três anos. Ali era a minha casa, minha sede, tudo para mim.

B. G. – E voltando um pouco no começo, que você estava falando de como você entrou, e tal. Você tem recordações sobre a primeira caravana que você foi? Como que sua família viu você entrando para a torcida, também, como que foi isso?

C. C. – Primeira caravana foi... Todo dia que o gordinho, que era o presidente antes de mim, era o gordinho. Todo dia que ele faz aniversário, eu olho para ele e falo: - “Hoje eu completo aniversário na Savóia”. Porque eu entrei no dia que era aniversário dele. A gente sempre teve, como a gente fala, o batizado. Quando é aniversário de alguém, a gente faz um montinho, da uma lenha. Nem conhecia o gordinho, os caras falaram: - “O Truqueiro vai bater no gordinho”. Aí bati no gordinho, nessa caravana. Palmeiras e Vasco, no Rio de Janeiro. Eu lembro que eu fiquei um pouco de canto, que eu não conhecia... Eu conhecia essa pessoa que me levou, o Dom. Era o apelido dele. Que trabalhava comigo, ele que me levou para a Savóia. Eu fiquei conversando com ele, aí alguém vinha: - “E aí, Dom!”. E aí o Dom falava: - “Esse aqui é o Truqueiro, tal, tal, tal”. Camilo, né, aí depois começaram a me chamar de Truqueiro. Foi um jogo que o Palmeiras empatou de zero a zero. Eu lembro que eu estava com a garganta inflamada, e eu fui à base de dipirona. Dipirona e diclofenaco. Tomando. Tem uma foto... Estava chovendo nesse jogo. Tem uma foto que eu estou, devia estar com uns 40 graus, a orelha desse tamanho, vermelha. Bati a foto. Da minha mãe, aí eu postei no *orkut*, minha mãe olhou: - “Onde você estava?”. - “Ah, mãe, foi uma festa que eu fui aí e tal”. Minha mãe nunca se ligou muito. Como eu falei, minha família nunca se ligou muito em futebol, só que aí teve uma hora que não deu mais para esconder. Infelizmente, pela mídia, toda vez ouvia alguma coisa,

entendeu? E aí eu sempre queria levar minha mãe para conhecer, mas ela nunca quis muito conhecer a torcida organizada. Só que nesses 10 anos, nunca cheguei a dar um trabalho para ela. Não nesses 10 anos, toda a minha vida, nunca cheguei a dar um trabalho para a minha mãe. Acho que ela sabe o filho que tem. No começo, ela não aceitava, mas depois, é aquilo. Foi o que eu decidi, então ela não apoiava, mas tinha que aceitar.

B. G. – Você tem irmãos?

C. C. – Não.

B. G. – Primos?

C. C. – Tenho.

B. G. – E algum deles você conseguiu levar para a Savóia?

C. C. – Não, porque todos torcem para outros times. E aí, como eu falei, nunca tive... A minha família nunca foi de, em um domingo, sentar... Só os primos, a outra geração. Mas os tios, os avós, os pais, nunca foram de discutir futebol, e tal. A gente mais novo que, depois que eu comecei a ir para jogo, acompanhar o futebol, aí eu comecei a ter, em um domingo, em casa, quando meus primos iam, a gente discutia sobre futebol. Um zoava o outro, quando o time do outro ganhava.

J. F. – Você disse que a tua opção pelo Palmeiras se dá, mais ou menos, em torno de 16 anos?

C. C. – Isso, eu tinha 16 anos de idade.

J. F. – Quer dizer, até então você não tinha admiração por um time, mas gostava de futebol?

C. C. – Para ser sincero, não. Eu não acompanhava... Eu gostava de futebol, mas não de sempre acompanhar. Eu chegava a acompanhar jogos do Brasil, sabia, tipo, que existia, sei lá, um cara chamado Evair, que nos anos 90 jogou no Palmeiras. Ouvia falar, em 98, que o Brasil jogou

Copa do Mundo. Eu lembrava: “Putá, aquele Cafu lá jogou no Palmeiras”. Acompanhava dessa forma, mas não para ser assíduo assim, não. É porque, a minha criação, a minha família, todo mundo fala que: “Ah, eu sou Palmeirense graças ao meu vô, descendente de italiano, e tal”. Eu nunca fui, não posso dizer que na minha família tenha um vínculo com o Palmeiras, não tem nem com um time em si. E uma coisa curiosa, que na minha rua sempre teve torcedores de outros times. Ai falava: - “Oh, fala que você torce para o meu time”. Aí falava: - “Está bom, torço para o seu time”. Só que o outro falava: - “Fala que você torce para o meu time”. – “Está bom, torço para o seu time”. Mas nunca tive um vínculo qualquer. O cara falava: “Fala que você torce lá para o Misto do Matogrosso”. – “Está bom, torço para o Misto do Matogrosso”. Nunca tive esse vínculo. Em 2003, quando o Palmeiras caiu, não sei o que bateu na minha cabeça, eu peguei o rádio, fui no jogo, acho que foi Palmeiras e Figueirense. Narração do Dirceu Marchioli Maravilha, para mim o melhor narrador que existe, acho que ele está na Record hoje. Foi um daqueles caras, ele que me puxou assim para ouvir os jogos do Palmeiras. Todas aquelas piadas que ele tinha, os jargões que ele tinha, me motivou muito, e aí eu comecei a ouvir. Não sei o que deu em mim. Eu não gostava de ver jogo na tv, era só no rádio. E era só com esse cara, Dirceu Marchioli Maravilha. Aí, um belo dia, eu cheguei na minha rua, falei: - “Quer saber, eu sou palmeirense”. Aí os caras “olhou” para mim. – “Pô, mas tem time que está ganhando Brasileiro, Mundial, título, vai torcer para um time que está na série ‘B’?”. E hoje, os caras da torcida até comentam, eu falei: - “Vocês acham estranho, não é? Vocês tiveram uma fase boa, vocês viraram palmeirenses, ou o pai de vocês puxaram. Vocês chegaram a ver Libertadores, ver isso, ver aquilo. Eu não vi nada. Eu fui torcer para um time que estava na série ‘B’ ”. E aí é um bagulho louco. Eu penso assim, falei: - “Putz, o Palmeiras tem um sentimento que, na série “B”, lá em baixo, eu vou torcer para esse time”. É uma coisa que, até hoje, eu não consigo entender. Acho que é o Palmeiras, não é? (risos). Não tem como explicar.

A. B. – Camilo, novo associado que quer entrar na Savóia, como é que ele faz, quais são as responsabilidades? Como que vocês... Qualquer pessoa pode fazer parte?

C. C. – Pode, e eu vou te falar uma coisa, a gente motiva a pessoa a entrar. Tem vezes que, a gente está agora jogando no Pacaembu, a pessoa chega: - “Como que é a Savóia, quero ficar...”. – “Meu, cola aqui do lado. Sabe cantar?”. – “Não”. A pessoa já vai acompanhando a bateria, tal. Isso no primeiro jogo. Antes de começar o jogo, o cara tal, tal, tal. Acabou o jogo, falei: -

“Olha, ajuda ‘nós’ a pegar a faixa ali”. Carregar a faixa, dar trabalho para o cara também. – “Oh, você quer aprender a tocar?”. No intervalo, alguém da bateria vai, ensina o cara a tocar. Eu acho que passar essa, tipo, uma responsabilidade, carregar uma faixa, tocar um instrumento, eu acho que cativa a pessoa, ela começa a gostar. Porque torcida organizada é isso. É bateria, é ter faixa, é você esticar a sua bandeira, ver de longe, esticar, bater uma foto, falar: - “Nossa, ficou muito linda a bandeira pendurada ali”. Dobrar uma faixa, amarrar a faixa. Tem todo um método, toda uma habilidade que você tem que ter para amarrar a faixa. Tem um nó que você tem que dar, para ela não correr, porque às vezes ela corre. E a pessoa começa a entrar na Savóia e já começa a ver isso, foi o que cativou em mim. A bateria, esticar uma faixa, aprender... E é isso que, pelo menos, se alguém chegar em mim e falar: - “Eu quero conhecer a Savóia”, tal, é isso que eu vou mostrar para a Savóia. Pelo menos para mim, foi o que cativou. E também essa parte do final do jogo: - “Você é da onde?”. – “Você quer ir em tal lugar? A gente vai ter uma reunião, vem conhecer a torcida”. Explicar a situação, a fase que a gente está passando hoje, a gente vai falar alguma coisa, se quiser dar uma ideia, pode dar ideia. E também, é o que eu falei também, a gente não é só focado em Palmeiras. Tem cara que, sei lá, gosta de ir em uma roda de samba, tem outro cara que gosta de ir em um show de rock. Eu sou palmeirense, mas, sei lá, não gosto de rock, mas gosto de pagode. “Pô, então vamos... Tem um outro cara lá que gosta de pagode também, de samba. Vamos dar um role?”. Ir para um samba, ir para outras vertentes, não só ficar focado também em Palmeiras e na torcida. É lógico, você não pode perder o foco, mas às vezes, pelo menos para a gente que vive constante, é bom esfriar a cabeça.

A. B. – E essa pessoa tem que fazer um cadastro, tem um pagamento, existe alguma iniciação?

C. C. – Na Savóia, no dia que eu entrei, se eu tivesse feito a carteirinha, eu ia ser o associado 80/90. Minha carteirinha virou 500. Eu sou o número 500. Porque, em 2007, quando chamaram para ser o terceiro vice-presidente, falaram: - “Pô, mas você tem que ter a carteirinha”. Porque eu, pelo menos... Aí particularmente eu, um pedaço de papel com um pedaço de plástico, com a minha foto, com um número, isso não quer dizer que eu sou da Savóia. Tanto é que, desde 2005 a 2007, eu não tinha uma carteirinha que falava que eu era da Savóia, mas qualquer um que passava, falava: - “Aquele ali é o Truqueiro da zona sul”. Todo mundo sabia quem eu era. Eu fiz por merecer. Mas tem gente que se apega a ter o número. Eu não tenho nada contra. Para

mim, particularmente, carteirinha eu não me apego. Mas se a pessoa quiser preencher a ficha, e duas fotos 3x4, fazer a carteirinha. Mas assim, na Savóia, sempre, pelo menos foi assim para mim, não era um pedaço de papel, um pedaço de plástico, um número com a sua foto, que falava que você era um associado, e sim era o que você construiu, a sua representatividade perante a torcida, que diz quem você é na Savóia.

A. B. – Então existe esse cadastro, é muito mais relacionado à carteirinha do que um controle de vocês, e a pessoa frequentando já faz parte da torcida?

C. C. – Não, uma coisa puxa a outra. Você faz o cadastro, você faz a carteirinha, para ter a carteirinha em si, a parte física, mas a gente tem o nosso banco de dados. Aquela ficha fica armazenada. Isso até se o Ministério Público, Federação Paulista, um dia quiser esse cadastro, a gente tem tudo armazenado. Quem são os associados.

R. F. – Truqueiro, você falou que, nesse período de 2005 a 2007 saltou de 80 para 500 sócios. A Savóia teve um crescimento muito grande. No começo.

C. C. – Foi.

R. F. – Isso gerou algum tipo de ressentimento de outras torcidas do Palmeiras, alguma coisa? Eu tive acesso ao material da “Mancha” de 2007, um tipo de carta pública, que ela declara apoio à Savóia, algum tipo de confusão que teve com a “TUP”, alguma coisa nesse período, de 2007, não é? Você acha que esse trabalho bem feito, esse crescimento da Savóia, teve algum tipo de problema com outras torcidas que viam o crescimento de uma torcida nova, tomando, talvez, espaço?

C. C. – É, assim, não peguei essa época da antiga das torcidas do Palmeiras.

R. F. – Sim.

C. C. – Mas eu lembro que, quem é da antiga, vem falar: - “Meu, o Palmeiras chegou a ter 10/15 torcidas, conviviam em harmonia sempre. As bandeiras de bambu, naquela época, que

tinha, uma não batia na outra, sempre teve esse respeito. De certa forma, a gente teve, realmente esse “boom”, mas foi como eu falei, de 2005 a 2007 a gente tinha três anos, não há como se comparar, a gente ter criado uma... Porque, tipo, você ter uma torcida de 15/20 anos, como que a gente que tem três anos vai poder pensar em incomodar? Eu ainda falo, a gente ainda tem muito a desenvolver. Não só a gente, acho que até as torcidas mais antigas. Uma vez, eu pensando muito nesse mundo de torcida organizada, hoje você vê uma “Gaviões da Fiel”, uma “Mancha Verde”, com escola de samba. Acho que a “Gaviões” tem até um projeto de ter a faculdade “Gaviões da Fiel”. Aí, uma vez, eu parei e pensei: “Aqueles caras, que fundou em 69 essas torcidas - a ‘Mancha’ é de 83 -, será que eles pensaram um dia que iam ter uma quadra, uma escola de samba?’ Com certeza não. Os caras que fundou (sic) a Savóia mesmo, duvido que eles pensaram que um dia a Savóia ia ter uma sede em frente ao Palmeiras, bem no começo da entidade. A gente tem muito a envolver. E é claro, uma torcida que tem 40 anos, que tem 30 anos, está muito mais a frente. Ela tem a desenvolver, a evoluir? Tem. A gente, então, nem se fala. Eu acho que, existe sim. Não vou ser hipócrita de falar para você que não existe essa vaidade entre torcidas, acho que em todas existe. Mas não no sentido de incomodar, pelo menos de nossa parte, porque, na época, a gente tinha três anos, nesse período. Hoje a gente tem 10. A “TUP” completou, acho que 44, alguma coisa assim. A “Mancha” tem 28/ 27. Eles estão muito a frente da gente, entendeu? Eu acho que a gente, não há como ter esse pensamento de incomodar.

R. F. – E vocês já pensaram em ter algum bloco carnavalesco? Tomar esse rumo e acrescentar o carnaval às atividades da torcida?

C. C. – Particularmente, eu não sou muito a favor. Se for criado de uma forma para pensar em uma diretoria do carnaval e uma diretoria da torcida, beleza. Só que se você tentar juntar... Imagina, que eu estava te falando que eu não tinha tempo para nada. Se entrar em um bloco, em uma escola de samba, piorou então. Aí que vai ser futebol e carnaval, futebol e carnaval. Mas eu até acharia uma ideia legal, como eu falei, acho que o vínculo seria maior ainda, entre os associados em si. Não, assim, pensando em um negócio profissional, grande, mas só para tirar um lazer mesmo. No carnaval, vamos sair em um bloco aí, só para tirar um barato? Beleza, vamos. Acho até que a ideia seria interessante, mas desde que fosse dessa forma. Uma diretoria para um bloco e uma diretoria para a torcida.

B. G. – O pessoal da Savóia não desfila na escola da “Mancha”?

C. C. – Desfila.

B. G. – É?

C. C. – Não só, acho que em todas as escolas que tem gente... Tinha um menino da bateria, da nossa bateria, que ele é diretor, acho que é da Barrocas. Tinha gente da Pérola, gente de torcida da “Mancha”. Eles desfilam sim em outras escolas.

B. G. – E, bom, voltando para o começo de novo, da sua trajetória na Savóia, você disse que em 2006 você meio que toma um cargo de articulador da zona sul. Você não tinha carteirinha, nem nada disso, mas você já chama a atenção, de alguma forma, dentro da torcida. E como é que foi isso na sua região? Como que você conseguiu aumentar tanto o número de pessoas interessadas em fazer parte? Como que era a articulação? Você conhecia todo mundo? Como que você acabou conhecendo?

C. C. – Houve esses nove, no começo, que a gente conversou entre nós pelo fórum, que era no site, vinculado ao site, Aí saímos os nove, fomos para o jogo, Palmeiras se classificou, até, para a Libertadores, ganhou do Fluminense, acho que foi três a dois, no Parque Antártica, aí começou, porque, acho que eu dei muita sorte, porque a gente era em nove. Eu, particularmente, não conhecia muita gente, muito palmeirense de fora, mas esses caras conheciam. Falou: - “Meu, eu tenho... - eles também, a família deles tinha bastante palmeirense. Meus três primos vai (sic). Um dos meus primos, tem um cara na faculdade dele que é palmeirense, também vai vir com a gente”. Tinha um cara do Parque Santo Antonio, que ele chamou, acho que foi o bairro dele todo. Foram uns 17 caras, que apareceu. E foi, praticamente, graças a nove pessoas, mas essas nove tinham ramificações, que das nove surgiu 10, aí puxava dos 10, surgiam mais 10. Aí a gente começou, nesse jogo da Libertadores, eu cheguei a contar assim, foi 96/95 pessoas. contei nos dedos, assim.

B. G. – E como que você era visto pelo pessoal? Pelo presidente da Savóia, pela diretoria, assim? Porque foi uma coisa que meio que você... Que aconteceu, assim. Ou você estava buscando ter algum tipo de cargo, ou ser alguma liderança dentro da Savóia?

C. C. – É, então, na verdade, quando eu comecei a frequentar o estádio, eu via isso das torcidas...

[FINAL DO ARQUIVO I]

R. F. – Quer retomar aí?

B. G. – Era o Florenzano que ia fazer alguma pergunta.

R. F. – Isso. No meio, cortaram ali.

J. F. – Pode?

A.B – Pode.

J. F. – Sobre a responsabilidade que você tinha, de trazer esse pessoal da zona sul. Eu queria que você contasse um pouco esse trajeto dentro da linha normal do ônibus, uma torcida, um grupo jovem se formando, do Palmeiras. Como é que era a relação, o vínculo, com relação às outras torcidas da zona sul? Se havia uma preocupação, se vocês sofreram algum tipo de coerção, por ser do Palmeiras, uma torcida desconhecida?

C. C. – Antigamente, nos anos 70/80, eu ouvia o pessoal contando que clássico, eu acho que tinha “busão” de linha, ali no Anhangabaú, NTU⁴. Eu não me lembro qual que era a empresa época. Eu lembro que eles disponibilizavam ônibus, só que era aquilo, disponibilizavam e você ia por conta própria, sem escolta por polícia, sem nada. Isso indo de

⁴ Associação Nacional das Empresas de Transportes Urbanos

linha. Hoje, os ônibus que saem da sede, saem com escolta da polícia. Mas nesse trajeto, vamos supor, a gente vai para o Morumbi. A polícia vai escoltar a gente do Parque Antártica até o Morumbi. Só que o trajeto do bairro ao parque Antártica, onde a coisa vai se concentrar, é ao Deus dará. Isso daí, no começo, a gente até chegou a pensar. Ali na região, em uma garagem próxima, de ver um ônibus. Conversar mesmo, ninguém vai destruir o ônibus, ninguém vai quebrar o ônibus, a gente só quer um meio de transporte. Porque, da onde a gente saía, é longe para vir até o parque Antártica. Se a gente fosse de linha, eram dois ônibus. Um percurso de uma hora e meia, talvez. Essa preocupação sempre teve, acho que em torcida organizada sempre vai existir. De outras torcidas, a gente era precavido para haver esse encontro. Tanto é que, meu, a gente vai sair uma hora. Se a gente marca uma hora, e aí tem uma concentração de 20 pessoas, vai ficar lá dando bobeira uma hora e meia. Aí vai, uma hora da tarde. Aí vamos esperar, uma e meia, duas horas, de certa forma, vai passar um de carro, pode passar alguém de outra torcida, e já ver. Torcida organizada, hoje, é frenético, essa concentração que tem. Você não pode dar bobeira, porque o risco existe, de aparecer uma outra torcida que queira te fazer alguma coisa. No noticiário a gente sempre vê casos assim.

J. F. – E nunca aconteceu com você, com a Savóia, na zona sul, saindo?

C. C. – Não, porque a gente fazia umas coisas de profissional, vamos dizer assim, ninja. Fazia uns roteiros, uns caminhos, que não tinha como. Mas é lógico, a gente não dava bobeira também. Porque, vamos supor, na zona sul a gente tinha um ponto, que todo mundo se reunia, só que aí, olha como o negócio é louco. Vamos supor, eu estou em um bairro, vou sair com cinco caras do meu bairro. No meu bairro eu estou concentrado com cinco, para ir para o nosso ponto, na zona sul, para depois da zona sul ir para o Parque Antártica. Então, a nossa preocupação já começa no bairro. No meu bairro mesmo, tinha pessoas da “Camisa 12”, da “Dragões da Real”, e a gente sempre teve... No meu bairro isso. Olha, a gente sai direto, você sabe. Vai ter jogo no bairro, nada de fazer algum negócio... Até porque, também, a gente se conhecia desde criança. Isso, pelo menos no bairro em si, não havia essa preocupação. Mas é lógico, a gente não pode dar bobeira também. Não pode dar sopa para o azar. Crocodilagem, tipo, o cara agir de má fé, na traiagem mesmo, pode acontecer. Pelo menos no bairro, não, e nesse ponto de encontro da onde a gente saía, nunca houve nenhum problema.

B. G. – E vocês se encontravam com outros articuladores de bairro de outras torcidas do Palmeiras lá na zona sul?

C. C. – Desculpa, não entendi.

B. G. – Se vocês encontravam outros articuladores de bairros, de outras torcidas do Palmeiras? Tinha um pessoal da “Mancha” também da zona sul...

C. C. – Não, porque, o ponto onde a gente saía era um pouco distante, bem longe de onde essas outras torcidas do Palmeiras saiam.

B. G. – E aí cada um faz um trajeto?

C. C. – Cada um faz um trajeto.

A. B. – E sem camisa?

C. C. – Não.

A. B. – Não? (risos).

C. C. – Com camisa.

R. F. – Você acha que as outras rivais, elas olhavam para a Savóia, dos times rivais, olhavam para a Savóia de uma maneira diferente do que para a “Mancha”, por exemplo, ou se encontrava era a mesma, era rival, Palmeiras do mesmo jeito?

C. C. – Eu vou só fazer uma análise um pouco mais...

R. F. – Lógico, lógico.

C. C. – Uma vez, foi com o André, da “Dragões”. A gente foi em um programa de tv, e ali nos bastidores, a gente estava trocando ideia, e eu sempre tive... Como eu te falei, eu sempre observei muito. Nesse mundo de torcida organizada, eu sempre quis pensar muito, para ter um pensamento, uma ideologia, assim. E aí eu falei com o André uma vez, eu falei; - “Meu, às vezes parece que toda a mídia cai em cima da gente, que a gente é violento, que acontece isso, só que, meu, acho que a violência existe desde que Caim matou Abel, desde os tempos antigos. E a mídia bate muito na gente, porque parece que a gente emprega essa violência no associado. O cara está chegando agora, e você tem que ir lá, e tem que fazer isso, te que sair na mão com os caras, tal’. Só que, igual, se o Palmeiras, acho que se um torcedor se sentiu prejudicado em um pênalti que o árbitro deu, sei lá, se o cara tirar um tênis e jogar dentro do gramado, e ele está no meio da torcida, o Ministério Público, Federação Paulista, batalhão de choque, não quer saber se o cara é da torcida ou não, sai do meio da torcida, a gente vai tomar uma punição de três, quatro jogos sem entrar com bateria, com faixa”. E aí, fazendo essa analogia, uma outra analogia também, eu parei para pensar, assim, que o torcedor que não é de torcida organizada, ele age pela impulsão dele, sei lá, jogar um tênis, para ele, foi a forma de expressar a revolta que ele tem. A gente não pode fazer isso, porque vai vir a punição, e a punição é severa. A mídia bate muito de briga. Ela mostra a briga, mas não mostra que teve torcida que ficou seis meses, até um ano punida. E essa violência, muitas vezes o jovem da periferia, ele já nasceu com aquela violência, e aí ele vê torcida organizada, ele pensa que ali é a válvula de escape para ele descarregar a violência dele. Só que quando ele chega revoltado com essa violência, que ele vem já da família dele, do lugar onde ele está, quando ele vem para a torcida, é aí que é o contrário que a mídia fala que a gente faz. Que a gente vai “brekar” o cara, falar: - “Meu, se você fizer tal coisa, você não vai prejudicar você, você vai prejudicar a entidade inteira”. Porque eu não quero ver um dia a Savóia punida. Ou entrar no site e não ver bateria, eu não poder entrar no estádio com a minha camiseta. E a gente, de certa forma, eu vejo isso, a gente blinda essa violência. Mostrar para a pessoa: a sua válvula de escape, a violência que você tem para descarregar o ódio não vai ser em torcida organizada. Hoje o cara pode frequentar, sei lá, algum movimento de *punk*, de *skin head*, ter a sua outra válvula de escape, se o cara quer descontar a violência dele, mas em torcida organizada, a mídia bate muito na gente nisso, mas é totalmente diferente. Que ninguém, até hoje, nunca veio querer saber a fundo. Porque a violência – falando com o André – eu falei para ele; - “Antes de eu e você estar aqui conversando, já existia rivalidade em torcida

organizada. Não foi a gente que começou, e não é a gente que vai acabar, entendeu?”. E, só voltando à pergunta das torcidas do...?

J. F. – Dos rivais. Dos outros times. Do Corinthians, do Palmeiras, as torcidas organizadas deles. Eles vêm a Savóia da mesma forma que eles vêm, por exemplo, a “Mancha”, a “TUP”, ou...?

C. C. – Então, existem, já pensando em um âmbito nacional, existe uma rivalidade grande, enorme, no time. O Vasco e o Santos... Não existe uma rivalidade em si, o time. Já as torcidas organizadas... Vasco e Santos. Duas torcidas organizadas deles, existe uma rivalidade que, se você for comparar time, é a mesma coisa que Palmeiras e Corinthians. Eles se detestam. Já porque, coisa do passado que ocorreu. Com a Savóia, até hoje, nunca houve. A gente nunca se envolveu em uma briga. Já fomos punidos. O batalhão de choque, em duas ou três ocasiões, achou prudente punir a gente. Mas por outros fatos, não por causa de alguma briga. A gente não tem nenhuma inimizade assim. Nunca teve um incidente para provocar, para uma outra torcida olhar: A Savóia ali, tal”. Já essas outras torcidas aí, como eu falei, a briga deles é antiga. Quem está hoje na diretoria dessas torcidas, pegaram uma rivalidade já, não foi eles que começaram, como eu falei: não são eles que vão terminar.

J. F. – Nisso que você chama de ideologia da Savóia, a violência está fora?

C. C. – Sim. Como eu falei, nesse mundo de torcida organizada, não vou ser hipócrita para falar que não existe. Existe. Se um dia a violência chegar para a gente, há uma consequência. Mas a gente nunca procurou. Nosso pensamento sempre foi ir para o estádio, esticar o... Quando eu chegava na sede, depois de cada jogo, de cada viagem, eu sempre ia e voltava tenso. Quando eu chegava na sede, olhava para a bateria, para a faixa, e aí falava assim: - “Minha faixa foi esticada, a gente cantou, incentivou o Palmeiras”, ali que eu relaxava. Porque o resto era só tensão. Tensão, assim, estar preocupado, será que vai dar tudo certo? Será que os caras vai deixar nós entrar com essa bateria? Porque você vai para fora, tem vezes que a polícia fala: - Vocês não vai entrar com isso. E Aí, uma vez, com o presidente da “Mancha da Juventude”, quando eu fui, era Palmeiras e Grêmio, lá em Porto Alegre. Palmeiras ganhou. Quando eu cheguei na sede deles, eu falei: - “Dinho, não existe uma coisa

melhor da satisfação de você ver que o seu dever foi cumprido. Fora a melhor coisa, o Palmeiras ter ganho, seu time ganhou. Fora do seu estádio, que pelo menos você fez a viagem, valeu. Pior coisa é quando você viaja e perde, você tem que voltar ainda, mas ganhou. Mas deu tudo certo. A sua faixa entrou, a sua bateria também entrou, você incentivou o time. Pelo menos para uma pessoa que tem um pensamento de torcida organizada, é a melhor recompensa isso.

A. B. – Camilo, nesse curto espaço de tempo em que a Savóia existe, qual foi a evolução que você acompanhou das proibições de objetos, de roupa, fardamento?

C. C. – A evolução?

A. B. – É. O que podia, e não pode mais, que você foi ver? Ah, é a bexiga... Já existia uma...?

C. C. – Então, parece que, as pessoas que tem o poder para liberar, não sei, posso dizer, são de “lua”. Às vezes tem um jogo que a gente... Se o Palmeiras for jogar, vamos supor, Palmeiras e Misto do Matogrosso, no Amazonas. Todo mundo sabe que não vai vir torcida desse time. Se o jogo é na quarta, na segunda-feira nós temos que, é obrigatório. Se não ir nenhum representante da torcida, a gente já não entra no estádio. Pode entrar com a camisa, mas com faixa e com bateria não vai entrar. É entregue um ofício. Nesse ofício a gente tem que mencionar: vai entrar uma faixa de 30 metros - e tem que fazer os dizeres – escrito Savóia. Três bandeiras 4x4 – tem que mencionar o desenho. Sete instrumentos. Aí tem, esse daí é de lei. Sempre é o fixo. Mas aí quando a gente acha que pode... Tem um jogo bom, vamos querer fazer uma festa, a gente vai colocar bexiga, pode colocar papel, o que seja. Aí é uma coisa que vai depender muito do comando, de quem vai fazer o jogo. Se a torcida teve algum histórico. Às vezes, vamos supor, teve algum incidente. Um associado jogou um tênis, como eu expliquei. Aí vai ser punido. Aí o comandante do jogo, no dia, ele vai falar: - “Como ocorreu, teve esse episódio, suas bexigas que você colocou no estádio, está punida”. Foi colocada uma bandeira que impediu o acesso no banheiro, no outro jogo a gente já não entra com uma bandeira, eles cortam. Tem vezes que é rígido, é uma faixa e sete instrumentos. Mais nada. Bandeirão, bandeira de 4x4, não. Vai ser sete instrumentos e uma faixa, e só. Existe, para mim, acho que o maior crime que existe contra, acho que até a cultura do país, é em São Paulo, a gente não ter

bandeira de mastro. Porque todos os estados do Brasil tem a bandeira de mastro. São Paulo é o único estado da Federação que não se entra com a bandeira de mastro no estádio eu acho que, para mim, é o maior crime contra a nossa cultura, que é do futebol.

A. B. – E nos outros estados, quando vocês viajam, conseguem levar uma bandeira de mastro, por exemplo? Tem relações diferentes com a polícia? Como você avalia? Tem lugar que é muito mais fácil que outros?

C. C. – Sim. Tem estado que já não é mais uma coisa da polícia. Em Curitiba, acho que é o pior estado que tem para torcida organizada ir. Porque acho que quase todos os estádios de lá, quem manda no estádio não é a polícia militar, é o clube. Se o Paraná mesmo, o Coritiba, eles não deixam... Teve vezes que eu fui para lá, eles não deixavam entrar faixa, instrumento, nada. Teve vezes que a gente teve que deixar todos os nossos instrumentos dentro do – não sei se lá hoje é Jecrim (Juizado Especial Criminal) deles- dentro do posto da polícia civil, dentro do estádio, porque gente não foi liberado pelo Atlético Paranaense, pelo Paraná, ou pelo Coritiba, para entrar dentro do estádio. Já no Rio de Janeiro, a gente tem um bom relacionamento com o GEPE⁵, que é a mesma coisa que o choque daqui. A gente leva o bambu dentro do ônibus, entra, de boa, com o bumbo lá dentro. Já em Minas, no estádio do Independência, não se entra com faixa. E aí existe também o... O que eu sinto falta no futebol assim, no quesito das torcidas, é ter uma legislação. Mas uma legislação única, na Federação inteira, para as torcidas. Se no Brasil inteiro você vai entrar, todas as torcidas tem direito a entrar com uma faixa, instrumento, bexiga, não existe. Tem estado que é a polícia vai determinar, tem estado que é o clube que vai determinar. Isso é, de certa forma, fica difícil para a gente, para o nosso trabalho, entendeu?

B. G. – E como vocês se organizam, então, para levar o material? Porque é meio obscuro, então. Vocês vão para, sei lá, vocês vão para Curitiba, vocês levam tudo, e não pode entrar. E vocês tem que, também, prestar essa conta, assim, do que vocês estão levando, e tal?

⁵ Grupamento Especial de Policiamento em Estádios

C. C. – Da mesma forma que tem essa reunião, nos jogos de São Paulo tem essa reunião com o choque de São Paulo, existe cada... Por mais que no Paraná seja, vamos supor, seguranças do clube, a gente pode tentar ter um contato com o clube. No Paraná, acho que, como eu falei, é o estado mais difícil que existe, pelo menos para mim, para se entrar. Porque lá não tem conversa mesmo. Nos outros estados, tipo o GEPE mesmo, a gente consegue mandar um ofício por e-mail, eles aceitam, aí a gente faz o contato: - “Olha, está liberado”. Até de escolta, também. Tal horário a gente vai estar em tal lugar. Em quantos ônibus vocês vão. Mas o que a gente sente falta é que a gente tem que ter esse contato, entendeu? O meu pensamento de torcida organizada é o quê: se não existe torcida organizada, você ia se juntar... Você tem um grupo de amigos, sei lá, uma comunidade do *facebook*: “Vamos para um jogo no Rio de Janeiro?”. – “Vamos”. Junta 40 pessoas dentro de um ônibus e vai embora. Só que aí você não tem uma organização. Quando você chegar, imagina você chegar em um Palmeiras e Flamengo, você não conhece nada no estádio, cai na torcida do Flamengo. A gente não é hipócrita, a gente sabe que tem essa rivalidade, o ônibus vai ser totalmente apedrejado. Fora o risco que quem está no ônibus vai correr. Isso se não tive uma organização. A gente tem uma organização. A gente tem, legalmente, a gente tem um CNPJ, que fala: a gente é um grupo de torcedores, CNPJ, estamos aqui para torcer, tal, e tal. Mesmo assim, a gente tendo essa organização, é muito difícil. Tem vezes que, quando não joga em São Paulo, jogar em Bauru, eu tenho que entrar no site da polícia militar, eu tenho que ficar procurando o batalhão de Bauru. O problema é que, se você... Eu não sei como que é toda essa divisão da polícia militar, mas aí você clica no quartel de Bauru, vai ter acho que 20. Aí uma é da polícia ambiental, o outro é do batalhão da ronda escolar, aí tem as companhias. Você perde tempo para ligar na companhia, sei lá, quatro. - “Então, mas não é esse batalhão que vai fazer o jogo”. - “Qual que é?”. - “Também não sei te informar.”. Aí a gente tem que ficar ligando. Tem cidades que existe mais de 30. Bombeiros, e a gente tem que ir fazendo esse contato. É desgastante. E às vezes acontece todo esse desgaste, a gente consegue entrar em contato, para depois ter que ouvir: - “A bateria não vai entrar, o que eu vou deixar é uma faixa”. A gente entra, incentiva, claro. Mas é muito difícil em um jogo você não ter uma bateria. Porque quer queira, quer não queira, a nossa cultura é essa.

B. G. – E aí, já que você está falando de outros estados, você tem bastante experiência em caravana. E a gente, em outros relatos, de outras lideranças, a gente já escutou várias histórias

de que é onde acontecem as emboscadas, e tudo mais. Você tem alguma experiência nesse sentido?

C. C. – Tem até um vídeo na internet, que eu apareço, acho que de 2006, foi o último jogo do Brasileiro era Palmeiras e Fluminense, no Rio de Janeiro. Acho que o Palmeiras já estava entre o 13º \14º, era um jogo que não valia nada, ia ser rebaixado! Não ia ganhar, não ia se classificar pra a Sul Americana, não ia ganhar nada. Aí nós juntamos algumas torcidas do Palmeiras, viajamos... Existe esse – lembrando lá daquela pergunta do vínculo, e tal, já teve vezes que nós viajamos juntos. As torcidas do Palmeiras em um ônibus só. E voltando, na Serra das Araras, depois que o Palmeiras, acabou o jogo, o nosso ônibus foi baleado. Foi alvejado. E eu lembro até hoje que eu estava no banco de trás, tinha um cara da “Mancha” no banco da frente, e do meu outro lado estava o “boy”, que na época ele era o vice-presidente da Savóia. E aí a gente conversando, e tal. Eu cutuquei esse rapaz da “Mancha”, ele estava debruçado no banco, e aí ele veio para frente. Virou de costas. Acho que passou um minuto, foi quando começou a dar os tiros, depois quando aconteceu tudo, acho que foram uns cinco, seis disparos. Quando apaziguo, a gente fez uma parada até. Quando foi olhar na cortina, o furo da bala tava na cortina dele. E toda vez eu ele me vê, ele fala: - “Meu, se não fosse...”, porque, ele debruçado, a bala ia vir na cabeça dele. Se não fosse ele sair do banco que ele estava para falar com a gente, a bala era para ele. Todo jogo que esse cara me vê, ele faz esse comentário. E isso foi no último jogo de 2006, no Brasileiro. No primeiro jogo de 2007, foi uma caravana histórica para a Savóia, que fechamos um ônibus, Palmeiras e Flamengo, primeiro jogo do Brasileiro, foi um jogão. Ele foi baleado, morreu. E eu me lembro, que eu estava na frente, com o motorista, eles estavam no rádio. E: - “O cara foi baleado, tomou um tiro, tal”. Quando o motorista foi falar alguma coisa, eu senti na lataria do ônibus. Quando a gente fez a parada, tinha, eu acho, que mais de cinco tiros no nosso ônibus. Isso no Rio de Janeiro. Essas emboscadas assim, eu vejo também, fazendo uma retrospectiva. Existia briga em torcida organizada, existia. Mas, naquela época, vamos dizer assim, existia um respeito. Se você brigasse, o que ia acontecer era você chegar com um olho roxo em casa. Hoje em dia, talvez, você não chegue em casa, se você briga. Mas isso também, eu acho que não é só em torcida organizada, é o tempo que a gente vive. Antigamente, em briga de bairro, era, sei lá, em baile que tinha, era no soco, ou empurrava. Nem chegava a sair briga, só no bate-boca. Era aquela história de quem gritasse mais alto, o outro abaixava a cabeça, tal. Hoje em dia, se você pisar no pé de um cara, em algum

lugar, o cara pode te matar. A violência evolui no mundo. Evoluiu nas torcidas organizadas? Evoluiu, mas no mundo também. Isso é um fator, acho que aí vai entrar em um quesito social, sociedade, os tempos que a gente vive.

B. G. – Bem, essas coisas que aconteceram, ela gerou um certo sentimento de revolta, de querer descontar neles?

C. C. – Da nossa parte, assim, não. Porque, como que a gente vai querer descontar isso? A ideologia da nossa entidade não é: tomei um tiro agora, está bom, vou pegar uma arma e dar um tiro no cara. Os caras vieram para cima da gente... Tapa na cara a gente toma, abaixa a cabeça de sai [da manha? 25:23]. Do outro a gente vai enfrentar. Foi o que eu falei, se a violência vem para cima da gente, é uma consequência que, desde que eu botei o pé em uma torcida organizada, eu sabia que eu vou enfrentar. Se vier, eu vou enfrentar. Mas eu também não vou procurar.

A. B. – Você comentou do encontro com o André, nessa conversa que vocês tiveram. Você, como presidente, já viu essas iniciativas de lideranças de torcidas se aproximarem, para tentar um diálogo? Reverter um pouco essa imagem da torcida que é passada pela mídia? Como você vê essas experiências? Como você projeta, qual o ideal de um diálogo entre as torcidas, o que precisa ser feito, na sua opinião, então?

C. C. – O primeiro encontro que teve, assim, até foi criado um movimento que se chamava UMTO. Essa época, eu ainda não participava, acho que nem para futebol eu ainda, ligava. Não participava de torcida organizada. Aí foi no ano de 2009/2010, onde houve o primeiro Seminário Nacional das Torcidas Organizadas. Foi até uma coisa estranha, porque passou, eu lembro que foi ali na Rua Augusta, em um hotel, que teve. Passou uma viatura assim, e na hora os caras parou (sic), ficaram olhando, porque eles viram um cara representando uma torcida organizada do Palmeiras, aí passava, tinha um cara do Cruzeiro, do Atlético Mineiro, São Paulino, corinthiano. E os caras: - “Vocês não estão se pegando? O que está acontecendo, onde que eu estou?”, e tal. E foi até um... Essas reuniões, no estado de São Paulo, com as torcidas, isso já houve, mas em âmbito nacional, com as rivalidades que existem das torcidas de um estado para o outro, foi a primeira vez. E aí houve uma conversa, foi... Todas as torcidas se

mostraram com vontade de criar alguma coisa e tal. Acho que chegaram a criar uma organização, a Conatorg⁶, que também não evoluiu, parece que houve agora, tem um tempo, um seminário no Rio... Em Minas Gerais, e também levaram essa proposta. Mas assim, como eu falei, a gente já tem... Eu sou integrante de uma torcida que é nova, 10 anos. E eu tive uma sobrecarga, a gente teve. Até a diretoria tem uma sobrecarga enorme de eventos, de reuniões. Das torcidas, vamos supor, que tem vinculadas a escola de samba, é 10 vezes mais a carga que tem de compromissos, e tudo. Você ainda tem que ter essa carga com uma organização, ao meu ver, sobrecarrega e não vai dar certo, não vai dar certo.

A. B. – Você vê, de repente, uma expectativa de unificar, por exemplo, esses contatos de polícia, facilitar um pouco esse deslocamento, esse desgaste que tem de um espaço já sobrecarregado, por exemplo, da presidência, quem organiza as caravanas?

C. C. – Então...

A. B. – O que se há discutido, o que você acha que... Como que melhora?

C. C. – Da nossa parte, nós não teríamos acho que nem o entendimento, nem uma estrutura. Porque eu acho que, para concretizar isso, seria o poder público, sei lá o Ministério do Esporte criar um órgão, não sei, responsável por isso. De fazer esse alinhamento. – “Olha, a torcida vai viajar para tal lugar, para tal lugar”. Eles fazerem o contato. Aí a gente vai entrar em um quesito, também, que tem esse movimento das torcidas, é legal ter esse contato, só eu ali são as lideranças. Às vezes, como tem aquele torcedor que ele pode jogar um tênis, provocar todo um tumulto, ele não é de torcida organizada. Existe aquele torcedor de torcida organizada que não vive o pensamento da torcida, ou que a diretoria da torcida não passa, por algum motivo. A estrutura, o pensamento que a torcida tem, não passa para os associados. Vamos supor, eles fazem algum pacto, alguma trégua: - “Olha, tal torcida vai passar naquela avenida. A gente não vai para lá”. A pessoa é desinformada, ou está na maldade mesmo, ela vai, sei lá, faz uma emboscada. Vai recair depois para quem? Para a diretoria. Esse mundo de torcida organizada é uma dimensão muito grande, criar uma organização para isso, eu considero, acho que a

⁶ Confederação Nacional das Torcidas Organizadas

mesma coisa para você pensar uma União Europeia, na qual você tem diversos países, olha só quanto tempo que demorou para eles fazerem esse grupo. É a mesma coisa que torcida organizada. São vários times representados, e um time chega a ter seis, sete torcidas, então você tem que pensar em uma quantidade maior ainda. E para fazer todo esse alinhamento, é o que vai levar uma estrutura, vai ter que levar um código, sei lá, um pensamento, uma ideologia, para acontecer esse movimento, essa organização. Eu acho isso uma coisa muito complexa, e, ao meu ver, a gente não está preparado.

A. B. – E você já viu alguma experiência de alinhamento, não nacional, mas clubístico: Palmeiras alinhando as suas torcidas... Já houve algum...?

C. C. – Já, e isso aconteceu quando o poder público, um órgão puxou essa responsabilidade para ele. Em um clássico, acho que foi Palmeiras e Corinthians, ainda não existia a Savóia, mas cada liderança de bairro... Desculpa, acho que foi contra o São Paulo. O representante, sei lá, da torcida “Independente” de São Paulo, da zona sul, sentou com o representante da “Mancha”, da zona sul. Eles se alinharam: - “Olha esse trajeto”, tal, tal, tal. Isso eu ouvi um relato, uma vez, sobre isso. Mas a única vez que isso aconteceu.

B. G. – E em relação aos aliados da Savóia, a torcida é jovem, é mais jovem, e você disse que tem uma boa relação com a “Mancha” do Juventude, não é? Tem algum outro que vocês também conseguiram estabelecer?

C. C. – Amizade mesmo, igual a “Mancha Juventude”, não, mas com as torcidas do Atlético Mineiro, do Vasco, do Grêmio, do Bahia. Não existe um... Quando a gente vai jogar lá, pode passar esses torcedores, não existe nenhuma rivalidade.

B. G. – Mas é uma espécie de... Não tem nenhuma relação com a visão que essas torcidas tem das outras torcidas do Palmeiras? Porque, por exemplo, o Palmeiras e o Vasco tem alguma relação, isso passa para vocês, de algum forma, também, quando vocês vão para lá?

C. C. – Sim. Mas até pela história, essa história dessa amizade da torcida Palmeiras e Vasco, Palmeiras e Atlético Mineiro já é histórico. Isso anos 90. Vasco, acho que é final dos anos 80,

até, que já tem. Isso, de certa forma, automaticamente recai sobre a gente, ter essa amizade, tudo.

B. G. – Que tipo de... Eles dão algum tipo de suporte lá, já ajudam?

C. C. – Então, isso você diz a torcida do Vasco, em geral, ou você diz as organizadas?

B. G. – As organizadas.

C. C. – Teve um ano que a torcida da “Força Jovem”, do Vasco, a gente chegou – era Palmeiras e Vasco -, nós chegamos lá em São Januário, acho que eram três horas da manhã, eles abriram a sede deles, a gente entrou, conheceu. Ficamos lá na concentração deles. Atlético Mineiro, também, uma vez fomos recepcionados na sede da “Galoucura”. Foi tranquilo também. Eles, quando vieram para cá, uma vez, eu lembro que quiseram conhecer a sede, conversamos, tomamos uma cerveja. Existe sim, esses encontros, quando existem os jogos fora. Um suporte.

B. G. – Em relação ainda à Savóia, vocês tem estatuto? Como que acontecem as eleições? Como que você conseguiu ser eleito e tudo mais?

C. C. – Toda essa parte de diretoria, não é muito dessa forma de eleições. É, basicamente, é um grupo, e tem aquela pessoa que está se destacando, aí a gente conversa. Mas isso daí foi um trabalho. Eu mesmo, desde 2006, foi feito esse trabalho comigo, de eu ir absorvendo experiência. E aí um falava, dava um conselho: - “Olha, você viu aquela situação que aconteceu? Sabe por que não pode acontecer? Por causa disso, disso e disso”. Existe um trabalho. Hoje mesmo, quando eu começo a ver um cara que está se destacando, eu falo: - “Meu, daqui uns três anos, você já sabe onde você vai estar, não é?”, E aí o pessoal já fala: - “Meu, você já está querendo plantar a semente.” Eu falei: - “É lógico”. Porque eu quero olhar daqui, sei lá, eu me vejo daqui 20, 30 anos, olhando para a Savóia com pessoas que eu não conheço, mas está ali na frente, entendeu? A gente sempre, a pessoa entra, a gente já tem esse pensamento de preparar a pessoa. E não só pensando em diretoria, mas para a pessoa ter um pensamento de torcida organizada. E como eu falei, a pessoa entrar dentro de um estádio e ter uma faixa esticada. Mas a pessoa olhar para aquela faixa esticada e pensar assim: acho que teve

uns 10 caras que ficou virado, a noite inteira, pintando aquela faixa. Ter esse pensamento da preocupação. Porque, uma coisa que eu sempre pensei, e eu acho que é muito errado da sociedade. No Brasil, qualquer coisa que você vê: “Porque na Europa é dessa forma”. Só que a gente tem que pensar em uma questão de cultura. A cultura do europeu é entrar no jogo, teve um lance, ele levanta, sai o gol, bate palma, canta, ele senta. Desde que eu me conheço por gente, esse lugar é o país do futebol e do samba. Às vezes eu ouço gente falar: “Vamos acabar com as torcidas”. Pô, mas você vai tirar a bateria? Imagina o que vai ser um jogo de futebol sem uma bateria, sem gente cantando, sem ter a vibração da torcida. Eu acho que é um crime contra a cultura do Brasil. Pensar que na Europa da certo, por que não implanta no Brasil? Não tem como, a nossa cultura é totalmente diferente. Eu vejo que, às vezes, a polícia põe uma grade, que é justamente para obrigar a pessoa a passar na calçada. A pessoa vai e passa no meio da rua. Você vai bater de frente com isso? É a cultura do brasileiro. Aí você vai ter eu tentar trabalhar durante, sei lá, 500 anos que a gente tem, vai ter te trabalhar mais 500 anos para tentar mudar isso. Eu acredito que, no futebol, a gente tem que trabalhar com mecanismos, com a cultura que a gente tem. Tudo bem, não posso tirar sua bateria? Você quer entrar com bambu? Está bom, então, vamos fazer uma legislação ferrenha com isso. Vai ter um responsável com bambu, se acontecer, aquela pessoa vai ser punida, a torcida vai ser punida, sei lá. Mas o que acontece hoje, que eu vejo no futebol, com as torcidas organizadas, é um crime com toda a cultura que a gente tem, de você querer tirar uma bateria, querer tirar um bambu. A gente é acostumado com isso, com festa, com bateria, com escola de samba, entendeu?

R. F. – Camilo, pensando no atual momento do Palmeiras, com a Arena agora, a questão dos ingressos, do plano de sócio torcedor, como você vê a mudança, a transformação, de desde que você começou a frequentar as arquibancadas, o Palmeiras, ingressando na Savóia, até hoje? Tanto em relação ao preço, como o público, você vê alguma transformação nisso?

C. C. – Para aquele torcedor que vai sempre, todos os jogos, ter a Arena, o avanti⁷, o ingresso, é ótimo. Porque existe um *ranking*. Se você, sei lá, se você foi em 100% dos jogos, quando tiver o primeiro jogo importante, ou qualquer jogo, a primeira cota de ingressos que vai ser liberada, vai ser para esse rankeado, que tem cinco estrelas, depois quatro, três, dois, um. Só

⁷ Programa de sócio-torcedor da Sociedade Esportiva Palmeiras, que consiste na oferta de sete planos com diferentes benefícios para adesão dos torcedores do Palmeiras.

que existe aquele cara que – eu digo já pensando na torcida-, existe aquele cara que ele não consegue, não tem condições. Ou devido à carga horária de trabalho, de estudo, de família, não tem condições de ter 100% de... Se o Palmeiras jogar de quarta a domingo, um mês, você vai ter oito jogos. A pessoa tem condições de ir em dois jogos só. E aí ela não vai ter o direito... Vai abrir todo esse ranking, vamos supor que ela vai ter uma estrela, ela vai ter que esperar cinco, quatro, três, dois, aí no dois acabou os ingressos, o cara não vai para o jogo. Eu acho, beleza, pode ter o avanti? Tranquilo, mas também tem que ser direcionada uma cota de ingressos a ser vendido na bilheteria. Quando existe... Como eu falei, antigamente, que eu via esse negócio de blog, muito palmeirense de blog, de internet, eu sempre me ponderei muito para não querer desprezar, porque tem muito esse pensamento também: a gente de organizada se acha melhor que um torcedor que não é de organizada. Porque são... Desde 2005 viajando, viagem internacional, tal. E aí eu me ponderei muito nisso. Nem é por isso, porque eu dediquei minha vida inteira, praticamente, a ir para jogo, que eu sou melhor do que aquele palmeirense que vai um jogo ou outro. Eu sempre me ponderei nisso, mas, de certa forma, eu acho que o clube em si tem que ter um olhar diferente para a gente. Porque, o Palmeiras está mal... Palmeiras e Grêmio, em 2002, na Copa do Brasil, na semifinal, encheu beleza. No Brasileiro, quando o Palmeiras estava mal, no mesmo ano no Grêmio, eu contei nos dedos, tinha 50 palmeirenses, entendeu? Dos 50, acho que devia ser cerca de 40 de torcida organizada, entendeu? Isso o clube não vê. Estando bem ou mal, a gente sabe que a gente vai viajar, e, de certa forma, como eu vejo na Savóia méritos, eu acho que o Palmeiras também devia ter méritos. De olhar para a torcida organizada assim: - “Olha aqueles caras ali”. Beleza, tem um palmeirense comum que ele não tem que ser desvalorizado, só que, se aquele cara, ele vai em um momento ruim e bom, ele tem que receber uma atenção do clube, entendeu?

R. F. – Daquele grupo de 70/100 pessoas, que vocês chegaram a reunir, palmeirenses da zona sul, da Savóia, hoje muitos tem dificuldade de frequentar...?

C. C. – É, a Savóia, ela tem um perfil, assim, de jovens. Passou um tempo, eu acho que... Briguei muito dentro da torcida, no quesito de cobrar. Hoje, 26 anos, agora eu tenho um outro pensamento. Que, às vezes, a minha prioridade foi a Savóia. Se a prioridade do cara não era a Savóia, eu achava errado. O cara, ele quer dar prioridade... Tipo, ele tinha 16 anos, como eu, tinha 18 anos, ele estava ali, no jogo, e tal. Só que o cara começou a constituir família, aí está

fazendo faculdade, emprego, ele vai dar uma diminuída. Se ela ia em oito jogos em um mês, ele vai em dois ou três. E aí eu começava a cobrar o cara. Hoje eu já vejo assim, cada um tem a sua prioridade. Nem por isso, só porque eu vivo Savóia, respiro Savóia, não tenho que cobrar que a outra pessoa haja da mesma forma, entendeu? Cada um tem a sua prioridade, e sabe o que é melhor para si. Desse pessoal ainda, alguns, 100% só eu que fiquei, mas eu ainda tenho contatos. Uns eu não sei o que aconteceu, eu nunca mais vi. Outros em um jogo ou outro aparece, outros assistem o jogo da numerada, porque já não tem mais a disposição de estar ali na arquibancada, de estar viajando. Aí é a prioridade que cada um tem na vida.

A. B. – Hoje quanto custa para um torcedor organizado acompanhar um jogo dentro do Arena, e em uma numerada, mais barato? Você tem noção desses valores?

C. C. – Porque existe o avanti, existe os planos do avanti, 90/80. Se eu não me engano, eu não tive a oportunidade de ir nos dois jogos da Arena, devido a trabalho, mas, se eu não me engano, teve um setor que era R\$500,00. Onde a gente, das torcidas organizadas, fica, acho que é R\$80,00. O ingresso. Por mês, o avanti, acho que o simples, é R\$ 70,00/ R\$80,00. Para uma pessoa que frequenta muito, é bem mais vantajoso o avanti.

A. B. – Quanto sai, mais ou menos, você sabe?

C. C. – Então...

A. B. – R\$80,00 é o menor preço?

C. C. – É que aí existem os planos, existe o prata, o ouro, alguma coisa assim. Infelizmente, nessa parte aí, eu estou bem desatualizado. Porque computador, já não tenho... Internet já não é muito o meu forte, mas, se eu não me engano, o plano mais barato que existe é de R\$70,00, que te dá direito a reservar o seu ingresso, por mês.

B. G. – E você também fala que uma das características da Savóia são os protestos. Você podia contar algum episódio que deu algum resultado efetivo, assim, que vocês ficaram satisfeitos?

C. C. – Teve um curioso, a Copinha... Um diferencial que a gente sempre teve, quando tem essa Copinha de juniores, acho que desde 2006, a gente foi em todos. Todas as edições, em Taubaté, São Carlos... Não sei o que acontece naquela cidade que, três anos já, a gente sempre, Palmeiras sempre vai jogar lá. E aí, em 2006, teve um dirigente do Palmeiras que estava passando na calçada, e perguntaram para ele: - “Seu nome se escreve com ‘z’ ou com ‘s’?”. E aí ele falou: - “É com ‘z’”. E a gente estava pintando uma faixa de protesto para protestar contra essa pessoa (risos). Aí ele parou assim depois, se ligou:- “Mas por quê?”, ele. – “Não, você vai saber”. E aí eu lembro que saiu no Lance! A nossa faixa de protesto. O Palmeiras perdeu, eles chamavam de “verdinho”: “Verdinho perde e a torcida protesta”. Estava lá a faixa da Savóia em baixo, e uma faixa de protesto a esse dirigente. Agora, aos nossos protestos, em si, é que a gente sempre cobrou mais o pulso firme da diretoria do Palmeiras. Falar para você que eu acho que surtiu efeito, não surtiu, porque desde que o Palmeiras subiu, em 2003, nós ganhamos... Estamos em 2014, em 10 anos, ganhou um Paulista e uma Copa do Brasil, sendo que você vê outros times que caíram, ganharam bem mais títulos. Mas isso é por incompetência da diretoria. E a gente sempre cobrou, sempre cobrou, mas infelizmente, há um... Já pensando no clube, já é um mundo extremamente... Eu, de fora, vejo, eu não tenho a dimensão do que acontece lá dentro, entendeu. Talvez acho que, se você me perguntar qual uma das coisas que eu vejo que é um pouco falha na nossa torcida, é ter esse envolvimento já dentro do clube. De parar para pensar. Só que, aí, para ser sócio do Palmeiras, acho que, para comprar jóia, R\$5000,00, R\$4000,00, nós não temos condições disso. É toda uma burocracia para a gente tentar te acesso. A diretoria do clube, também, acho eu, até hoje, só teve uma que chegou a nos ouvir. As outras nunca ouviram a gente, sempre bateram a porta, entendeu?

J. F. – Qual foi essa diretoria?

C. C. – A que...?

J. F. – Que abriu as portas para ouvir a Savóia.

C. C. – Foi a do Tirone.

J. F. – Aproveitando, vocês se posicionam quando tem eleição presidencial? Apoiam candidatos...?

C. C. – A torcida, em si, não. Cada associado tem a sua opinião e tudo, mas...

J. F. – A Savóia não se posiciona?

C. C. – Não. Ao apoio a um dirigente, não.

B. G. – Como que você vê a participação de torcedores organizados, ou de ex- torcedores organizados entrando para o conselho deliberativo, e tudo mais?

C. C. – Como eu vejo?

B. G. – É.

C. C. – Então, aí teria que analisar cada pessoa, porque, não é porque a pessoa é de torcida organizada, que quando ela entrar lá, ela vai ter a visão para torcida organizada. É lógico, eu mesmo, se eu entrar lá, eu vou ter uma visão para a torcida organizada, porque eu estou falando eu, Truqueiro. Agora, eu não tenho como responder pelo “A”, pelo “B”. Se você falar para mim, tipo, uma pessoa em si, se eu conhecer a pessoa, até posso te dar uma opinião. Agora, não é porque ela é de torcida organizada, que ela vai ter a visão. Ela pode entrar lá dentro e continuar fazendo as mesmas coisas que todas as diretorias que eu já vi do Palmeiras, está fazendo, entendeu?

B. G. – E aí, voltando um pouquinho nessa relação com os protestos, e com os jogadores? Como que é a relação da Savóia com os jogadores do Palmeiras?

C. C. – A gente não tem nenhuma.

B. G. – Nenhuma?

C. C. – Não. Contato com o jogador... Na nossa festa de 10 anos, os ídolos, Sérgio, Tonhão, compareceram. O Marcos, uma vez, gravou um recado, para a gente da Savóia. Com os ídolos gente tem até um contato, mas com o elenco atual não. A gente também, acho, que nem quer ter. Porque eu acho que a grande incompetência, eu sempre falei isso. Diversas vezes a gente estava quebrando o pau, quer ou não, uma torcida organizada, a gente é família, tal, mas toda família tem discussão, tem quebra pau. E aí um fala: - “Não tem que protestar, tal”, e eu sempre pensei isso, eu falei: - “A gente não tem que xingar o jogador”. Porque, eu mesmo não jogo bola, mas se um dirigente virar para mim e falar: - “Você quer ganhar 100 mil para jogar bola?”. Lógico que eu vou querer. Não sou idiota. E eu não jogo nada. Eu não acharia justo você vir me cobrar, você tem que cobrar o cara, o imbecil, que contratou um cara que não sabe jogar. O cara é ruim, você não tem que cobrar o cara para ele virar bom. Se o cara nasceu para se ruim, ele vai ser ruim. Tem que cobrar o cara que, o dirigente que contratou o cara.

B. G. – E aí, em relação à atual situação do Palmeiras, você acha que, não sei, você vê que teve alguma queda em número de associados pela situação? Você acha que agora, com a Arena, isso pode despertar um novo interesse dos palmeirenses em querer participar mais ativamente?

C. C. – Vou te falar uma coisa, o Palmeiras, para mim, ele pode ganhar, sei lá, três anos seguidos, ser campeão do mundo, Libertadores, Copa do Brasil, Brasileiro, jamais vou me esquecer do seis um que a gente tomou do Figueirense; jamais vou me esquecer do seis do Goiás; jamais vou me esquecer do que aconteceu com o Coritiba, também foi uma goleada. A torcida do Palmeiras, que eu via, antigamente, que as pessoas falavam, naquela época da fila. Até por documentário, se você for procurar, eu acho que cada jogo que o Palmeiras ganhava, era um título. E a vibração... Eu, que não vivi essa época, até me emociono e tenho a noção da dimensão que era. A torcida era vibrante. Saía um gol, a torcida estava ali com o time. O próprio time não era campeão, não é porque tinha um jogador, é porque futebol é assim. Você joga, joga, mas dá o azar de não ser campeão. Mas era um time guerreiro, era uma diretoria guerreira, era uma torcida guerreira. Hoje, a torcida do Palmeiras caiu muito. Acho que até, de certa forma, cada palmeirense se acomodou com essas situações. O Palmeiras caiu em 2013, quando subiu, eu mesmo falava: - “Eu não vejo esse time, ganhou a série “B”, mas é um time de série “B”. Para mim, eu olhando, eu não vejo um time de série “A”. Talvez o que ganhou o Paulista em 2008, que você olhava o elenco, você podia falar: - “Esse é um jogador de série ‘A’ ”. Mas

de resto, desde 2013, eu não me lembro, tirando esse de 2008, um elenco que você pode falar: - “Putá, isso aí é um elenco de jogadores de série ‘A’!”. A torcida do Palmeiras caiu, mas torcida organizada também. Porque, se o Palmeiras está em um fase boa, o público pode ser 30 mil, a gente pode ir com 200 componentes. Está em uma fase ruim, o público vai dar 5 mil, a gente vai estar com 50, entendeu? Isso reflete a situação do time na torcida em si, e nas torcidas organizadas. E como eu falei, podem vir títulos, e títulos, e títulos, mas eu não vou nunca me esquecer de todos esses vexames que aconteceram.

R. F. – Tem alguma coisa que você queria contar que a gente não perguntou? Alguma coisa assim?

B. G. – Algum episódio que você lembrou?

C. C. – Assim, é “da hora” quando a gente começa a conversar sobre torcida organizada com pessoas que vivem a torcida também, porque não adianta nada eu querer ter um associado, um associado que sempre comparece, tal, mas existem pessoas e pessoas em torcidas organizadas. Quando você conversa com pessoas que vivem a torcida organizada, é uma coisa, uma experiência fantástica. E eu sempre parei para pensar dessa forma, porque eu sempre ouvi que: - “Ah, vamos acabar com torcida organizada, vamos acabar com torcida organizada”. Desde que eu me conheço por gente, o Brasil é o país do carnaval e do samba, só que eu sempre vi... Você tem o samba, mas você tem ali o carnaval, que, sei lá, dois dias que é o apogeu, que ele está em destaque. O futebol, você tem o destaque dele na quarta, no domingo. Se houve um lance polêmico, vai se estender a semana inteira. Eu acho que o maior patrimônio que a gente tem é o futebol. E em decorrência disso, é a torcida organizada. Porque, acho que, talvez, no começo, quem criou o futebol, Charles Miller, começaram a surgir os times, ninguém nunca pensou na dimensão que ia acontecer disso, de torcida organizada. De ter pessoas que vai deixar filho, vai deixar família, vai viajar para fora, para o exterior, para acompanhar o time. Isso daí é uma coisa, meu pensamento hoje é esse, mas sei lá, daqui 10 anos, eu tenho certeza que vai evoluir mais ainda, porque futebol também está em evolução. Antigamente, não existia impedimento, agora existe. Antigamente, não existia uma tecnologia para te falar se a bola passou da linha, se foi gol ou não, hoje tem. Daqui 20 anos, a gente pode estar aqui, vocês todos

aqui, e a gente estar falando sobre outras tendências, outra filosofia do futebol, entendeu? É uma coisa muito louca.

A. B. – Para a gente finalizar, para você, qual o ideal de uma relação das outras instituições, seja o clube, seja polícia, governo, com a torcida, e qual o ideal, também, de relação da torcida com essas instituições?

C. C. – Como seria o...?

A. B. – Para você, assim, o perfeito, para ficar muito bem.

C. C. – Eu acho que o poder público tinha que tomar a frente disso. É interessante, o que eu sempre pensei, dessa legislação, no quesito nacional. Inicialmente, eu acho que uma polícia própria para a torcida organizada, não para a torcida organizada, mas para estádio. Quando a gente jogou em Prudente, em Presidente Prudente, eu lembro que o pessoal do choque de lá veio para São Paulo, para ter uma experiência, tal, e um dos policiais de lá falou: - “A gente só é acostumado a fazer reintegração de posse, e controlar rebelião em cadeia. A gente não tem experiência com esse público de futebol”. Eu acho que, inicialmente, é criar um grupo, não sei se pode dizer polícia, mas um grupo que seja responsável pela segurança, a nível nacional, não só de torcida organizada, de torcedores. Depois acho que existir um alinhamento para dar sequência a esse grupo de eu ter um contato, sei lá um telefone, um e-mail, do responsável de tal estado. – “Olha, vou ter um jogo aí, no estádio tal, contra o time tal. Um ônibus, está aqui a nossa relação de faixa, beleza?”. – “Beleza”. Existir esse contato. Mas eu acho que isso tem que vir do poder público, ele que tem que... Não que é obrigação, mas é que eu acho que quem tem a estrutura para isso, é o poder público. Não sei, poderia ser o Ministério do Esporte, criar um órgão propriamente só para isso. Mas, como eu falei, da nossa parte, acho que é uma experiência que a gente não tem, é uma dimensão que a gente não tem disso, entendeu?

R. F. – Beleza, muito obrigado, Camilo, pela entrevista, bela entrevista, e é isso.

[FIM DO DEPOIMENTO]